



## A QUINTA D'AVÓ

O presente, na ponte entre o passado académico e o futuro profissional



Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto 2011/2012



Dissertação de Mestrado  
Mestrado Integrado em Arquitectura

Luísa Alexandra Barros Rodrigues Coelho  
Professor orientador: Arquitecto João Pedro Serôdio





## ÍNDICE

Resumo/Abstract.	0 0 7
Prólogo.	0 0 9
<b>1. Introdução.</b>	<b>0 1 3</b>
<b>2. O projecto de arquitectura.</b>	<b>0 1 7</b>
2.1. O conceito de Projecto.	0 2 7
2.2. O pré-estudo de um Projecto.	0 3 5
2.3. O processo do projecto de arquitectura.	0 4 5
2.4. O Homem e o projecto de arquitectura.	0 7 5
<b>3. O projecto 'A Quinta D'Avó'.</b>	<b>0 9 7</b>
3.1. O lugar.	1 0 4
3.2. A viabilidade do projecto.	1 1 6
3.3. O processo do projecto.	1 3 0
<b>4. Conclusões.</b>	<b>1 4 8</b>
<b>5. Referências bibliográficas.</b>	<b>1 5 4</b>



**RESUMO** Na recta final de um percurso académico, aproveitamos a oportunidade de concepção de um projecto de arquitectura real para ponderar sobre essa mesma realidade: o projecto de arquitectura de carácter académico *versus* o de carácter profissional e a complexidade que se pensa ser-lhes inerente.

Nesse sentido, explora-se inicialmente os principais conceitos que se consideram íntimos ao projecto de arquitectura e que tencionam transmitir a complexidade referida. Assim, começa-se por questionar o que é um projecto e consequentemente, o que é um projecto de arquitectura. Ambiciona-se compreender o que realmente poderá contribuir para a qualidade de um projecto e para isso caracteriza-se o respectivo pré-estudo. De seguida, reflecte-se sobre o processo de um projecto como um acto criativo fundamentado que se debruça sobre situações reais do quotidiano humano. Com efeito, está comprovado que o Homem tem um papel preponderante na realidade de um projecto [de arquitectura] e, por essa razão, torna-se também indispensável a reflexão sobre esse assunto dada a complexidade que confere ao projecto.

A exploração das abordagens referidas leva à realização do projecto 'A Quinta d'Avó', onde os conceitos abordados teoricamente são orientadores de uma metodologia de projecto. Da vontade de o realizar, surge uma resposta económica e socialmente viável, num projecto contextualizado e adaptado à realidade que se quer transformar.

In the final stage of an academic journey, the profit of the opportunity to design a real architectural project it's taken to ponder about that same reality: **the academic architectural design versus the professional one** and the complexity that it's thought to be inherent.

## ABSTRACT

In this sense, the key concepts that are considered intrinsic to the architecture project are initially explored and those intend to reflect the complexity mentioned above. Thereby, it begins by questioning **what is a project** and then **what is an architectural project**. It's a aim to understand what can really raise the quality of a project and by that reason the **projects' pre-study is explored**, as well **the process of a project as a fundamented creative act**, focused about real situatuons of everyday Humans. It is noticed that **the Man has a commanding role in the reality of an architectural project** and for this reason, it is considered to reflect on this matter given the complexity that it gives to the project.

The exploration of these approaches leads to the project '**Quinta d'Avó**', where the concepts theoretically discussed before will guide the project along a methodology. Therefore, a viable economically and socially answer will appear, contextualized and adapted to the reality that aims to transform.

## PRÓLOGO

15.11.2011 Tenho 23 anos, e cinco desses anos foram passados numa relação muito próxima com a Arquitectura. Espero começar hoje a sumariar conteúdos apre(e)ndidos ao longo dos 5 anos passados, iniciando neste trabalho o sintetizar de um percurso e lançando-me na prática projectual aproximada do campo profissional.

∞

Como ponto de partida surge uma vontade de família à qual se quer dar vida mas que acima de tudo, se torna numa vontade própria: não deixar morrer as raízes dessa mesma família. Mais ainda: existe o desejo de recriar tudo aquilo que esse agregado já foi, já viveu, e poder partilhá-lo com o Mundo, expondo essas mesmas vivências através de uma reinterpretação do local. Enquanto passo de estudante a profissional no campo da Arquitectura, será possível concretizar este objectivo? Com certeza.

Surge, assim, a oportunidade de [re]interpretar e de [re]projectar este lugar palco das vivências referidas. Enquanto se levanta o lugar para o papel, é altura de procurar um fio condutor que guie um percurso. Uma linha de chamada em direcção aos obectivos que se idealizam e que orienta no alcance do projecto-sonho. Uma linha que orienta mas que também se rasga, oportunamente, para assimilar novas ideias, abrir novos caminhos ou até mesmo multiplicar-se.



“A arquitectura é produzida por pessoas comuns para pessoas comuns; portanto deve ser facilmente compreensiva a todas as pessoas. Baseia-se num certo número de instintos humanos, de descobertas e experiências comuns a todos nós num estágio muito precoce das nossas vidas - sobretudo, a nossa relação com coisas inanimadas.”<sup>1</sup>

<sup>1</sup> RASMUSSEN, Steen Eiler; Viver a arquitectura; Caleidoscópio 2007.





I N T R O D U Ç Ã O



## 1. INTRODUÇÃO

Com a chegada do último ano da formação em arquitectura, o aluno constata que só a prática profissional que desejadamente lhe seguirá, é que será capaz de proporcionar verdadeiras experiências arquitectónicas, reais. Está-se nesse exacto momento: na ponte entre o passado académico e o futuro profissional que se avizinha e, portanto, o momento ideal para ponderar sobre conteúdos apre(e)ndidos e reflectir sobre eles.

Num Mundo cada vez mais complexo, os desafios que a Arquitectura propõe resolver são cada vez mais exigentes e profundos.<sup>2</sup> A Arquitectura tem um tempo e um espaço e insere-se num contexto cultural e sociológico complexo, onde ocupa lugar de relevo: desenhar os espaços da vida humana. O arquitecto deve assim procurar cada vez mais responder ao mundo contemporâneo da melhor forma possível, e por isto entenda-se melhorar a qualidade de habitabilidade do Ser-Humano na Terra.

Neste sentido sente-se a necessidade de compreender o que está para lá do acto criativo inerente à arquitectura, despoletando uma reflexão em torno da complexidade do projecto de arquitectura abordado neste trabalho.

Essa reflexão terá como objectivo guiar e fundamentar todo o processo de criação de um projecto de arquitectura real e objectivo.

<sup>2</sup> CARDOSO, Rafael; Design para um Mundo Complexo; Cosac Naify 2012.



O P R O J E C T O D E A R Q U I T E C T U R A



## 2. O PROJECTO DE ARQUITECTURA

Como referido introdutoriamente, o início deste trabalho surge da oportunidade de realizar um projecto de arquitectura real e objectivo.

Na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (FAUP), o conceito de projecto torna-se, desde cedo, comum ao aluno de arquitectura: sob a forma de uma disciplina académica, orientada por professores arquitectos, repete-se ao longo dos anos de curso aprofundando-se e abordando diversos temas em diferentes circunstâncias. Por essa razão, torna-se pertinente começar uma reflexão em torno do projecto de arquitectura, com uma análise dessas mesmas disciplinas frequentadas.

Ao analisar as fichas das disciplinas de Projecto 1, 2, 3, 4 e 5, leccionadas na FAUP, é possível observar que os objectivos das disciplinas se enumeram, sinteticamente, por:

“(...) abordagem genérica da problemática da Arquitectura (...)”, no primeiro ano;<sup>3</sup>

“(...) consolidação das capacidades instrumentais e conceptuais para o exercício da projectação, (...) requalificação de uma área da cidade consolidada, (...) relações arquitectónicas entre o novo e o antigo, entre o proposto e o pré-existente, bem como a relação entre linguagem arquitectónica e sistemas construtivos, (...) aprofundar a caracterização global do campo em que o arquitecto exerce a sua actividade profissional, (...)”, no segundo ano;<sup>4</sup>

<sup>3</sup>FAUP, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto -; Guia do estudante - Programas Curriculares do curso de Arquitectura; FAUP; 2006.

<sup>4</sup>FAUP, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto -; idem.

“Ensinar Arquitectura - a concepção e a construção do objecto ou da cidade na sua forma mais sublime que satisfaça o físico e o psíquico do homem, individual ou socialmente considerado - é difícil e apaixonante.

Sobre a formação do arquitecto já afirmava Vitruvius que “ele deve ... saber escrever e desenhar, ser instruído na geometria e não ser ignorante na óptica, ter aprendido a aritmética e saber muito de História, ter bem estudado a filosofia, ter conhecimento da música e algumas noções de medicina, de jurisprudência e de astrologia”.

As exigências de Vitruvius, formuladas há 19 séculos, mantem-se inalteráveis na sua generalidade. Continuamos iguais.

É na apaixonante e difícil formação deste especialista - generalista, passe o aparente contraditório da expressão, deste homem de síntese criadora com capacidade de inteligente análise que a Faculdade de Arquitectura, vai, certamente, empenhar-se, associando a experiência desta insigne Universidade à de uma prestigiada Escola, ambas representadas na sua Comissão Instaladora.

Com a criação desta nova faculdade dar-se-á, por certo, início a um novo ciclo do ensino da Arquitectura em Portugal, país, como todos sabemos, sentimos e vemos, a cada momento e em cada espaço, sempre mais carenciado de uma nova cultura arquitectónica.”<sup>5</sup>



001\_Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (FAUP).<sup>6</sup>

<sup>5</sup> Texto retirado integralmente da página de apresentação do site da FAUP; disponível em [https://sigarra.up.pt/faup/web\\_base.gera\\_pagina?P\\_pagina=1182](https://sigarra.up.pt/faup/web_base.gera_pagina?P_pagina=1182); acedido em 27.07.2012;

<sup>6</sup> Foto: DR; Fotografia disponível em <http://porto24.pt/vida/09022011/escola-do-porto-esta-viva-e-e-ainda-referencia-para-novos-arquitectos/>; acedido em 27.07.2012;



“(...) complexidade dos problemas, com a introdução progressiva de condicionantes programáticas, urbanísticas e legais que interferem com os processos mais simples de definição da forma, (...) materializar de um modo rigoroso a forma-construção pretendida, constituindo mais que um mero acrescento de informação, parte essencial do trabalho da definição da forma-expressão da arquitectura, (...)” no terceiro ano;<sup>7</sup>

“(...) consolidação metodológica, (...) trabalho de síntese arquitectónica nas suas componentes programáticas, contextuais, funcionais, construtivas e formais, (...)” no quarto ano;<sup>8</sup>

e “(...) reflexão sobre o território e a cidade, (...) capacidade de intervir num ambiente em transformação, (...) construção de estratégias e acções de transformação da cidade e do território, (...)” no quinto e último ano do Mestrado Integrado em Arquitectura.<sup>9</sup>

Após esta análise, é possível compreender que os objectivos enumerados passam, também, por sugerir que o aluno se aproxime, progressivamente, da execução de um projecto a nível profissional. No entanto, enquanto exercício académico, os projectos tendem a apresentar uma certa distância relativamente àquilo que seria a realidade desse projecto numa situação concreta e real, em oposto à situação fictícia do exercício escolar.

A questão que se coloca é: será que alguma vez, durante o seu percurso académico, um aluno da escola de arquitectura – que lida diariamente com projectos de arquitectura – tem a verdadeira noção daquilo que um projecto implica e a sua complexidade é realmente apreendida? O contacto com

<sup>7</sup> FAUP, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto -; idem.

<sup>8</sup> FAUP, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto -; idem.

<sup>9</sup> FAUP, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto -; idem.



o conceito de projecto é imenso - mas, naturalmente, é impossível absorvê-lo por completo em exercícios académicos e esse pensa-se ser o percurso natural de um estudante. Surge, assim, a vontade de explorar neste trabalho o conceito de projecto e de projecto de arquitectura - na medida em que também se acha importante o seu entendimento absoluto para a realização do projecto de arquitectura que se ambiciona concretizar.

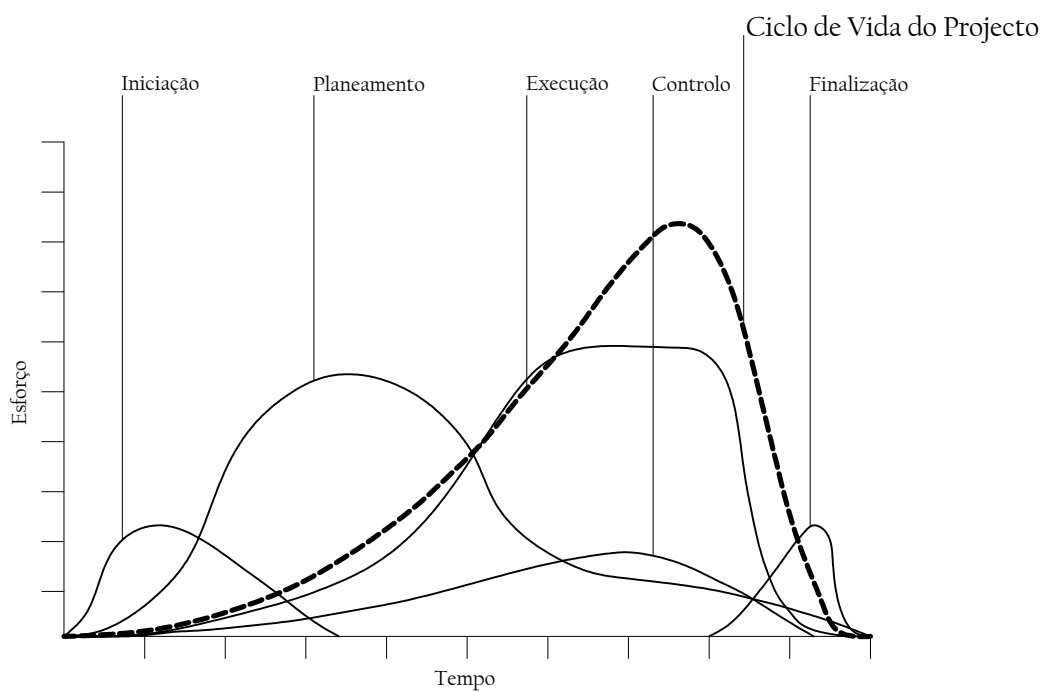
Pretende-se também explorar uma fase específica relativa a qualquer projecto: o pré-estudo ou fase preparatória inicial de um projecto, uma vez que, o aluno ao longo das experiências de projecto no seu percurso académico na escola de arquitectura, usufrui de um contacto indirecto com esta fase inicial - uma relação indirecta porque, durante os anos de escola, todo este processo é deliberadamente omitido pelos professores e tomado pelos alunos como realizado anteriormente e lhes oferecido numa memória descritiva inicial sobre o lugar e num diagrama programático gerador dos espaços a projectar. Assim, considera-se também importante explorar este processo, uma vez que se acredita que este poderá ser essencial para o desempenho do projecto de arquitectura.

Na consequência da exploração dos conceitos referidos anteriormente surge a necessidade de os ver reflectidos e de ver as suas implicações directas no processo de um projecto. Nesse sentido aborda-se este terceiro tema relacionado com o processo de um projecto de arquitectura, não só como uma reflexão pessoal, mas também na pers-



pectiva de vários arquitectos e teóricos, que ajudam a perceber a dimensão implicada no projecto de arquitectura.

Intrínseco à realização de projectos de arquitectura, considera-se que o Ser-Humano tem um papel preponderante no seu desenvolvimento e por essa razão exploram-se os vários papéis que esta figura pode assumir.



002\_O ciclo de vida do projeto subdividido em fases características.<sup>10</sup>;

<sup>10</sup> VARGAS, Ricardo Viana; Gerenciamento de Projetos: Estabelecendo diferenciais competitivos; Rio de Janeiro: Brasport, 2003.

## 2.1.

## O CONCEITO DE PROJECTO

Projecto é um conceito comum ao Homem e às suas vivências na Terra.

A palavra 'projecto' remete já ao séc. XVI e deriva do latim *projicere* [= lançar para a frente]<sup>11</sup>. A raiz latina sugere, por isso, um movimento, uma trajectória, uma relação exacta com espaço e tempo. O processo implicado envolve um ponto de partida, utilizado como base, de onde um indivíduo se lança para a frente em direcção a um objectivo.

## Definição de Projecto

Projecto (ét); (latim *projectus*, -us, acção de se estender);

1. o que planeamos fazer;
2. desígnio, tenção, plano, empresa, cometimento;
3. primeira redacção de uma lei, estatutos, etc., que se submete à aprovação;
4. [construção] plano gráfico e descritivo.<sup>12</sup>

Como apontado anteriormente, Projecto é um conceito comum ao Ser-Humano, numa dimensão pessoal, profissional ou social. Refere-se a uma ideia e vontade de executar algo, de representar em perspectiva. Poderá ser um conjunto de documentos, cálculos e desenhos que se elaboram na ambição da criação de um objecto, material ou não, contendo toda a informação necessária para a sua plena execução.

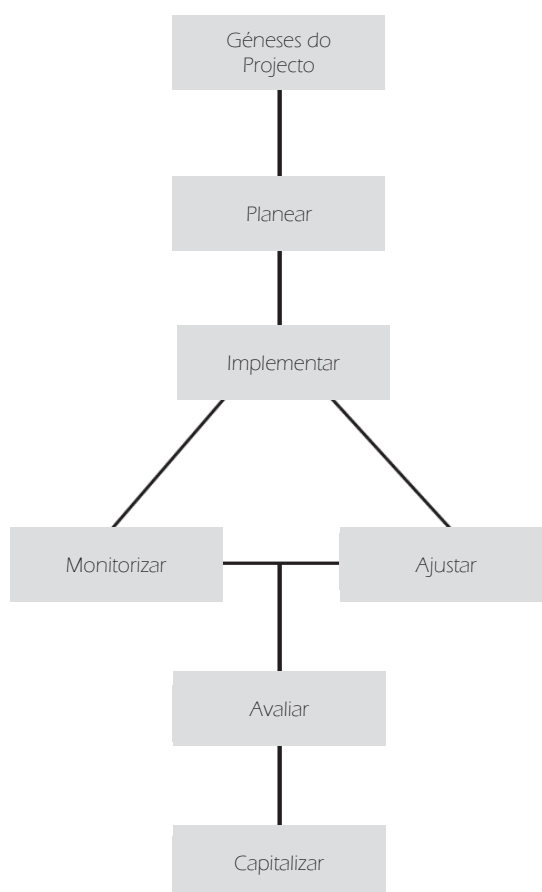
## Características de um projecto

“Um projecto é um trabalho não repetitivo, planificado e realizado de acordo com especificações técnicas e determinadas, e com objectivos de custos, investimentos e prazos pré-definidos. Também se define um projecto como um trabalho de volume e complexidade consideráveis, que se

<sup>11</sup> ROLDÃO, Victor Sequeira Roldão; *Gestão de projectos; Monitor* (edição em Português);

<sup>12</sup> DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA; disponível em <http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=projecto>;

Estruturação do projecto ao longo das diversas fases



003\_ “Estruturação do projecto ao longo das diversas fases”<sup>13</sup>.

<sup>13</sup> COMISSÃO EUROPEIA, Conselho da Europa e; Novembro de 2000; Mochila pedagógica T-Kit nº3, Gestão de projectos; disponível em [http://youth-partnership-eu.coe.int/youth-partnership/documents/Publications/T\\_kits/3/Portuguese/T-Kit3\\_po.pdf](http://youth-partnership-eu.coe.int/youth-partnership/documents/Publications/T_kits/3/Portuguese/T-Kit3_po.pdf); acedido em Fevereiro 2012.



realiza com a participação de vários departamentos de uma empresa e eventualmente com a colaboração de terceiros.”<sup>14</sup>

∞

Acima de tudo, um projecto é um instrumento de mudança, que possui uma finalidade. A sua natureza é complexa, variando de dimensão, assunto ou tipos de actividade. Caminha assente em um ou vários objectivos específicos, mensuráveis, alcançáveis, realistas, e o seu início e fim são claramente identificáveis.<sup>15</sup> Um projecto nasce num processo dinâmico, integrando [normalmente] mais do que uma pessoa, mais do que um saber e tenciona oferecer algo de novo a uma determinada realidade.

Um projecto implica uma reflexão sobre o contexto físico, social e cultural no qual se quer intervir – o seu propósito é a alteração (ou alterações) desse mesmo contexto. Elaborar um projecto significa produzir resultados bem definidos – o seu objectivo é o de solucionar um ‘problema’, o que envolve uma análise, de antemão, de necessidades. Com uma ou mais soluções, o final que apresenta é, conseqüentemente, uma mudança duradoura. As metas propostas por um projecto devem ser realistas e alcançáveis, o que significa que devem ter em conta não só os requisitos como também os recursos financeiros e humanos disponíveis.

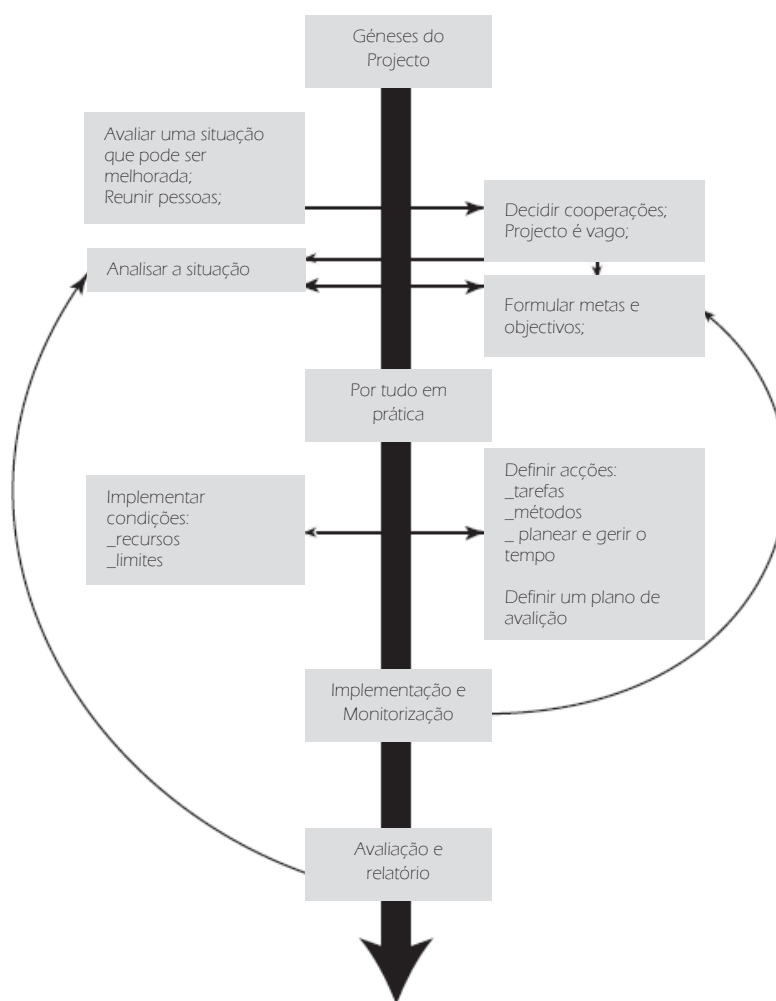
A sua complexidade é indiscutível: os projectos exigem várias habilitações de planeamento e de implementação, e envolvem diversos parceiros e intervenientes.

<sup>14</sup> BRAND, J. P.; Direcção e Gestão de Projectos; Lidei; 1998

<sup>15</sup> ROLDÃO, Victor Sequeira; idem.

## Representação em diagrama das fases de planeamento de projecto

(retirado de Institut National de la Jeunesse et de L'Education Populaire (INJEP), Méthodologies de project/Document 46 – Direction des Lycées et Collèges, 1990)



004\_ “Representação em diagrama das fases de planeamento de projecto”<sup>16</sup>

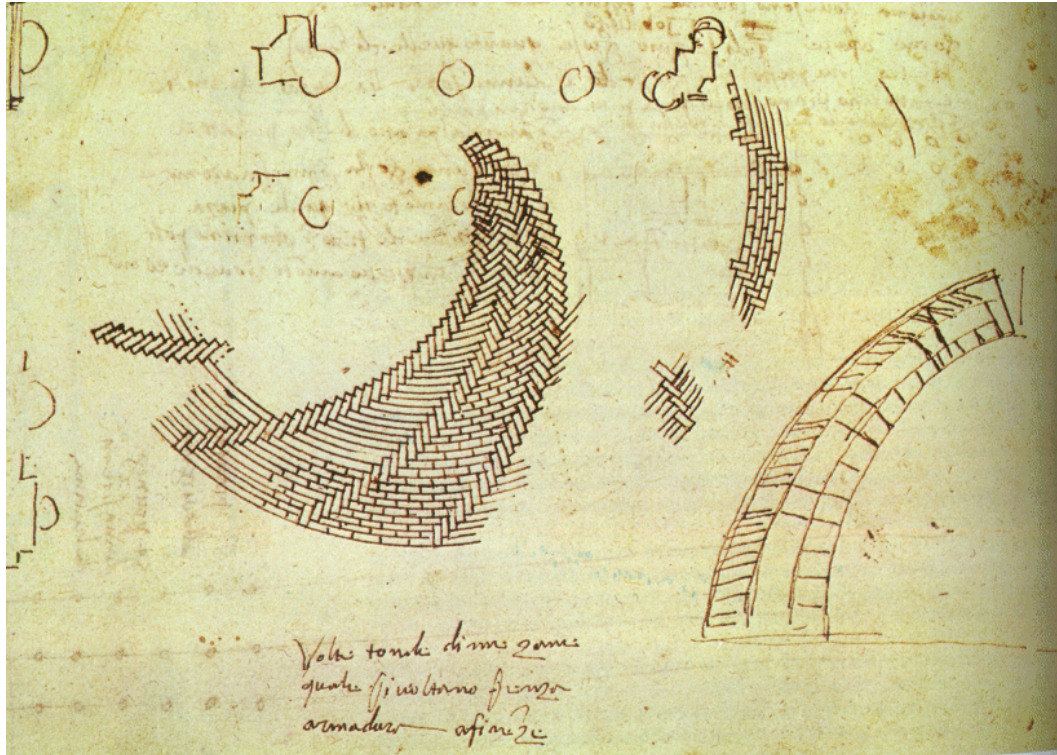
<sup>16</sup> COMISSÃO EUROPEIA, Conselho da Europa e; idem

Neste sentido, é uma acção colectiva, fruto de um esforço colectivo, dirigido por equipas que envolvem vários parceiros e provêem as necessidades de outros. Qualquer projecto é único: todos os projectos surgem de novas ideias, fornecendo uma resposta específica a uma necessidade (problema) de um contexto específico – são inovadores por excelência. Por essa razão, tornam-se uma aventura, incluindo sempre algumas incertezas e riscos. Os projectos podem ser avaliados: são planeados e divisíveis em metas mensuráveis que devem estar abertas à avaliação.<sup>17</sup>

*Projectar* Projectar [acto de elaborar um projecto] é o percurso que é necessário percorrer para se chegar ao resultado pretendido – a execução do projecto elaborado. Conclui-se assim que um projecto é de extrema complexidade, envolvendo diferentes realidades, que no decorrer do trabalho irão ser convenientemente abordadas.

*Projecto de arquitectura* Um facto relevante sobre o conceito de projecto é que, historicamente, a palavra projecto foi inicialmente usada por arquitectos. No século XV, Filippo Brunelleschi introduziu duas inovações na prática arquitectural da altura. O trabalho na Catedral de Florença tinha stido interrompido no séc. XIV e a tarefa de o terminar, adicionando uma cúpula, foi entregue a Brunelleschi. Antes de o começar, ele fez um desenho (*progetto* ou plano) da cúpula, utilizando várias perspectivas de forma a obter a representação geométrica da estrutura futura, enquanto a concebia. Através da interacção destas perspectivas, a cúpula deveria dizer algo sobre o

<sup>17</sup> SOARES, Isabel; MOREIRA, José; PINHO, Carlos; Couto, João; Decisões de Investimento - Análise Financeira de Projectos; Edições Sílabo 2007.



005\_Desenho da colocação dos tijolos; Brunelleschi.<sup>18</sup>



006, 007\_Imagens da cúpula da catedral de Florença de Brunelleschi<sup>19</sup>

<sup>18</sup> PRAGER, Frank D., SCAGLIA, Gustina; Brunelleschi: studies of his technology and inventions; New York: Dover, 2004.

<sup>19</sup> PRAGER, Frank D., SCAGLIA, idem.

contexto histórico e político da cidade. Florença aspirava alcançar o lugar de cidade aberta ao mundo, e por isso a cúpula incluía duas cascas, uma externa e outra interna.<sup>20</sup>

Neste sentido, Brunelleschi racionalizou a arquitectura e ofereceu uma nova perspectiva temporal – uma abordagem que tornou possível a separação entre o planeamento e a *performance*, entre o projecto e a implementação.

Os exemplos de Brunelleschi mostram que o termo 'projecto' foi, já na altura, encarado como um conceito que serve para organizar a acção.

<sup>20</sup> COMISSÃO EUROPEIA, Conselho da Europa e; *idem*.



## 2.2. O PRÉ-ESTUDO DO PROJECTO DE ARQUITECTURA

A fase preparatória de um projecto, também correntemente denominada de pré-estudo, antecede o gesto criativo arquitectónico – fornece premissas significativas que vão orientar o desenrolar da criação de forma coerente, precisa e estudada, desprovido este gesto de uma conotação fortuíta, meramente criativo e espontâneo. Importa aqui perceber o que é que este estudo envolve, como se processa e que vantagens e desvantagens oferece relativamente ao desempenho de um projecto de arquitectura. Como referido previamente, tentar-se-á perceber que relevância poderá assumir esta fase de estudo inicial de um projecto no desenrolar do seu percurso.

O pré-estudo procura definir precisamente a natureza do projecto e criar uma linha condutora que nos guie através de um processo complexo de gestão do projecto.<sup>21</sup>

### Composição do pré-estudo

Um projecto deverá nascer de um conjunto de estudos e consequentes decisões que, tomadas em conformidade, fazem do projecto uma intervenção viável e coerente, que responde às necessidades levantadas. Este estudo compreende uma série de ferramentas inteligentes que se tornam extremamente úteis ao projecto de arquitectura.

Compreender um projecto, muito especialmente quando está em causa a tomada de decisões que vão influenciar directamente o projecto a executar, implica compreender não apenas a realidade do projecto em si [ambiente interno], como

<sup>21</sup> SOARES, Isabel; MOREIRA, José; PINHO, Carlos; Couto, João; idem.





008\_Esquema representativo do pré-estudo de um projecto<sup>22</sup>

<sup>22</sup> SOARES, Isabel; MOREIRA, José; PINHO, Carlos; Couto, João; idem.

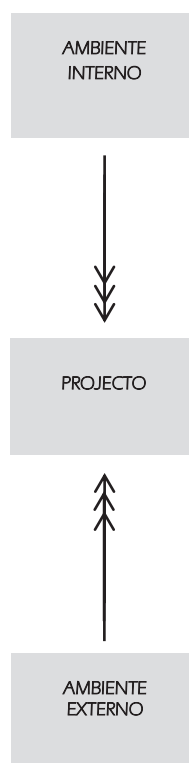


também a realidade mais vasta em que ele se insere [o ambiente externo]<sup>23</sup>. Esta fase preparatória do projecto surge assim como um conjunto integrado de ferramentas que tem como objectivo permitir compreender os ambientes referidos e, muito especialmente, facilitar a apreensão de relações que entre eles existem. Tal compreensão é importante para que haja uma adequada percepção desses ambientes e do modo como se relacionam e influenciam o projecto, evitando decisões enganosas e passíveis de provocar graves danos. Para a utilização destas ferramentas, recorre-se a um processo de decisão estratégico. A palavra processo passa, correctamente, a ideia de tratamento sequencial – estas ferramentas, usadas em conformidade, produzem decisões essenciais para o avanço do projecto de forma económica e socialmente sustentável.

Neste sentido, muito antes de um projecto estabilizar na criação a cargo do arquitecto, toda esta fase preparatória deveria ser elaborada, por profissionais adequados, com formação específica [ainda que possa também ser elaborada por arquitectos, mas nunca na sua totalidade]. Na actualidade, este processo não se verifica e muitas vezes cabe apenas ao arquitecto analisar a viabilidade da ideia de projecto que lhe é pedida.

É também normal que, no quotidiano, toda esta informação seja cedida ao arquitecto por profissionais que elaboraram o estudo, à semente-lhança do que acontece na escola de arquitectura [como referido na secção 2.] – no entanto, não só o

<sup>23</sup> SOARES, Isabel; MOREIRA, José; PINHO, Carlos; Couto, João; idem.



009\_Esquema representativo da relação da envolvente de um projecto.

arquitecto deve possuir uma vasta gama de ferramentas intelectuais suficientes para compreender, analisar e utilizar essa informação como base geradora da sua criação, como esse estudo deve também estar dotado de legibilidade de acordo com a instituição a quem se destina.

#### Significados da sua utilização

Afirma-se deste modo, que o pré-estudo enquanto fase que antecede o gesto criativo arquitectónico, é extremamente importante para o desenvolvimento futuro do projecto de arquitectura. Percebe-se que a não [ou incorrecta] análise dos ambientes referidos pode influenciar negativamente a criação do arquitecto e originar projectos com soluções desajustadas.

Por vezes, o Homem encara os projectos de arquitectura como uma obra de arte e o pré estudo surge para garantir que a utilidade e a funcionalidade do projecto não sejam negligenciadas.

Neste sentido o arquitecto deve estar próximo dos estudos que antecedem a sua criação e mostrar-se interessado em participar neles, contribuindo para um resultado final ainda melhor, mais próximo daqueles a quem se destina.<sup>24</sup>

#### O pré-estudo como ferramenta essencial

A fase preparatória de um projecto, elaborada cuidadosamente e no seu devido sentido, pode positivamente combater momentos infortunos de uma obra de arquitectura desde o seu desenvolvimento inicial até ao final da sua vida e contribuir para

<sup>24</sup>CECLA, Franco La; *Contra a arquitectura*; Caleidoscópio, 2011.



o desenvolvimento de um método que consiga cobrir toda a complexidade que é inerente a um projecto. O pré estudo torna-se assim extremamente benéfico e o arquitecto, enquanto criador de espaços que melhoram o habitar do Ser-Humano na Terra, deve estar ciente da sua importância e por ele interessar-se.

Construções económica e  
socialmente sustentáveis

Dado que a arquitectura se insere num ambiente complexo e em constante mudança, num universo vasto e igualmente dinâmico com o qual interage e ao qual se procura adaptar, a fase preparatória de um projecto vem contribuir nesse sentido dado que fornece premissas significativas para a elaboração de obras não só economicamente sustentáveis, como também socialmente adaptadas ao utilizador que vai servir – socialmente sustentáveis.

Desta forma, sublinha-se que a essência do lugar projectado pelo arquitecto começa, antes de tudo, numa análise estratégica sobre a ideia de projecto, levantando questões, criando premissas e originando programas adequados. Um projecto não deverá ser proposto sem uma estratégia de investimento, tanto a nível económico como a nível social, previamente elaborada e adequada tanto à criação arquitectónica como ao seu futuro utilizador.

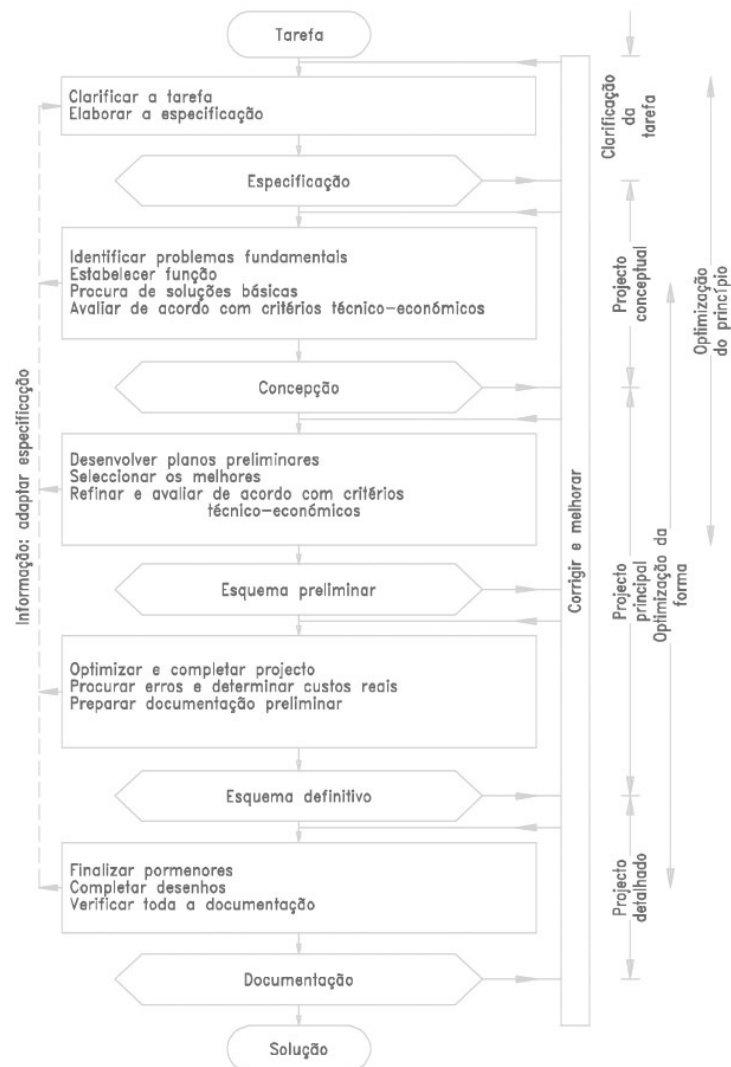
Assim, na consequência de uma adequada preparação inicial de um projecto, o arquitecto tem a oportunidade de trabalhar sobre um projecto viável a vários níveis, uma vez que apenas a formação do arquitecto não é suficiente para que a obra de



arquitectura subsista no seu expoente máximo.

Com as ferramentas que compoem o estudo inicial de um projecto, a responsabilidade social do arquitecto é tomada como um factor relevante – não só na procura da satisfação do cliente e do utilizador do espaço criado, mas também nas respostas adequadas à comunidade e às necessidades urbanas. Neste sentido, a arquitectura deve ser produzida com base numa complementaridade entre disciplinas, saberes, faculdades e também vontades.

Na consequência de uma abordagem com base num pré-estudo elaborado sobre a realidade onde se quer intervir, os projectos deveriam surgir baseados numa abordagem coerente, económica e socialmente sustentáveis, próximos das necessidades requeridas pelo contexto em que se inserem.


010\_ Processo de projecto (adaptado de Pahl e Beitz)<sup>25</sup>

<sup>25</sup> PAHL, G.; BEITZ, W.; Engineering design: a systematic approach, Design Council, London, U.K 1988; in FARINHA, Maria de Fátima; Processo de Projecto; Área Departamental de Eng. Civil da EST-UALG.



## 2.3. O PROCESSO DO PROJECTO DE ARQUITECTURA

Sabe-se à partida – pelo contacto que se tem com a Arquitectura – que o processo de um projecto [de arquitectura ou não] é uma realidade extremamente complexa que envolve um indeterminado conjunto de acontecimentos que, actuando em diferentes frentes, fazem com que um projecto aconteça.<sup>26</sup>

Os acontecimentos introdutórios, relacionados com o projecto de arquitectura, referidos em secções anteriores deste trabalho debruçavam-se sobre a fase que antecede a produção do projecto enquanto criação do arquitecto – importantes para agora se poder introduzir e compreender o que lhe é posterior: o processo de um projecto.

Não se pretendem conclusões encerradas em respostas às questões levantadas, mas sim um reflectir descomprometido de algumas realidades que se tornam cada vez mais importantes face ao panorama actual de crise que cada vez mais afecta grande parte da Europa.

Definição de  
processo de projecto

Importa, antes de mais, tentar expor, ainda que de um modo sucinto, o que será o processo de um projecto. Assim sendo, e de um modo simplista, poderá dizer-se que o processo de um projecto é, em arquitectura, o que constitui o conjunto de tomada de decisões do arquitecto projectista - resultantes em acções [projectar]. Neste sentido não importa a discussão de métodos relativos ao processo de projectos de arquitectura, importa antes reflectir sobre atitudes dos profissionais ligados à arquitectura perante a concepção e

<sup>26</sup> BROWN, Mark; A gestão de projectos com sucesso; Editorial Presença.



desenho do quadro espacial da vida da população.<sup>27</sup>

Multidisciplinaridade Um factor que assume especial importância no processo de um projecto é a interdisciplinaridade que os projectos devem abarcar.

Interacção entre profissionais de diversas áreas A actividade profissional do arquitecto no processo de um projecto deve depender de uma interacção consciente entre uma equipa de diversos profissionais com actividades distintas, de que são exemplo os engenheiros das diferentes especialidades, bem como os restantes profissionais presentes durante o processo do mesmo. Para que o resultado de um projecto seja rigoroso, onde existe a perfeita articulação e compatibilização de todas as peças que o constituem, torna-se fundamental que exista uma integração plena das diversas disciplinas e das suas necessidades específicas. Uma boa coordenação de um número, cada vez maior, de equipas durante o desenvolvimento do processo de concepção de um projecto, torna-se imprescindível, principalmente na definição precisa do seu campo de actuação.

Importância do coordenador de projecto Assim, na estrutura de uma equipa multidisciplinar, ressalta a importância do coordenador de projecto que assume o papel de orientador de um conjunto de actividades que se deverão agregar num todo coerente adaptado aos objectivos a atingir. A preparação e coordenação da equipa de projecto (que passa pela garantia de eficácia, corência e compatibilização entre todas as peças escritas e desenhadas do projecto) são

<sup>27</sup> Decreto de lei nº 176/98 de 3 de Julho [DR nº151, Série [A-]: Ordem dos Arquitectos - Estatuto, Capítulo VI, Artigo 42º, Ponto 3.



atribuídas, na maior parte das vezes, a um membro da equipa – normalmente o arquitecto.

Uma cultura de complementariedade e de colaboração entre todas as disciplinas, de rigor, transparência e de honestidade, e ainda de respeito pela finalidade (que será o edificado) poderá alterar drasticamente os problemas existentes e potenciar as virtudes que poderão existir.

Neste sentido é necessário estabelecer áreas de fronteira e dependências entre os diversos intervenientes no processo de projecto, organizando estas equipas de carácter multidisciplinar, no combate à complexidade exigida.

Sinteticamente, a equipa projectista orientada pelo coordenador de projecto durante o processo arquitectónico, assume esse carácter multidisciplinar associado ao projecto total do empreendimento. O coordenador de projecto surge assim como uma figura, como o próprio nome indica, orientadora da equipa projectista que desenvolve o projecto geral sobre o qual vão intervir todos os projectos de especialidades: engenheiros civis (estrutura, rede de águas e de saneamento, rede de gás); engenheiros electrotécnicos (instalações eléctricas e telecomunicações); engenheiros mecânicos (ventilações, ar condicionado, térmica e acústica, segurança e saúde).

Coordenação do  
processo de projecto

Disto se conclui que a importância da coordenação



do processo de projecto na execução da obra é cada vez mais reconhecida como fundamental na garantia da qualidade da obra e essa coordenação hoje em dia envolve cada vez mais indivíduos, o que dificulta o processo e incrementa a sua complexidade.<sup>28</sup> Assim, a coordenação assume um papel fundamental na procura de uma metodologia de sistematização de procedimentos e de verificação de conformidades entre as diversas áreas do projecto e respectivas peças desenhadas e escritas.

#### ATITUDES no Processo de Projecto

Pode dizer-se que o arquitecto detém um papel principal no processo de um projecto. Julga-se correntemente que o arquitecto pode projectar uma obra de um modo relativamente autónomo na procura da solução arquitectónica desejada - ainda que baseado numa multidisciplinaridade entre diversos profissionais (assunto desenvolvido anteriormente no presente capítulo) - designadamente segundo os seus próprios processos de trabalho usufruindo não só da sua cultura e da sua inteligência e mestria mas também da sua habili-dade, sensibilidade e da sua intuição empírica.

No entanto, pensa-se que não existe uma metodologia de projecto que garanta *à priori* a concretização do projecto de arquitectura, e sobre isso é possível encontrar uma enorme diversidade de opiniões provenientes de diversos arquitectos e teóricos.

Na realidade, o arquitecto imprime o seu especí-

<sup>28</sup> FARINHA, Maria de Fátima; Processo de Projecto; Área Departamental de Eng. Civil da EST-UALG.





fico modo de projectar, segundo as suas bases teóricas e culturais, quando reage a determinadas circunstâncias contingentes ou simplesmente provenientes do seu próprio universo.

Ao receber uma encomenda, o arquitecto prepara-se para aprofundar as coordenadas que constituem o pedido por parte do cliente – vai tentar perceber o respectivo enunciado do problema para o qual o cliente lhe pediu uma solução e as condicionantes inerentes à própria encomenda: o programa, a organização funcional, a envolvente, o lugar e ainda questões de ordem técnica como regras, regulamentos e legislações. Neste sentido, observa-se que é possível identificar determinadas causas predominantes que podem transformar-se em dados racionais que poderão justificar a essência do projecto, ainda que aliado à posterior criatividade do arquitecto. Assim, o arquitecto debruça-se sobre todas estas premissas e transforma-as na(s) temática(s) em torno do qual se irá desenvolver o processo de criação do projecto. Deste modo, é certo que o arquitecto vai desenvolver a sua proposta de uma forma contextualizada.

O facto de cada arquitecto poder ter a sua forma de leitura/acção perante as mesmas circunstâncias definirá diferentes formas de processo perante um mesmo objectivo. Neste sentido, é possível ponderar sobre alguns aspectos que, embora não sistematizem atitudes, ajudam a perceber diversos modos de projectar e é dessa forma que se procura deixar transparecer aqui uma reflexão sobre algumas dessas atitudes.



## Criatividade e Arte Ciência e Racionalidade

Como referido anteriormente, por vezes as acções produzidas pelo arquitecto são correntemente catagoladas como actividade artística, criativa. Crê-se que essa não seja a verdade absoluta no que se refere ao processo do projecto de arquitectura.

A criatividade está relacionada com a combinação de conhecimentos, com o desenvolvimento de habilidades e com a adopção de atitudes que permitam enfrentar novos problemas. A qualidade do projecto depende substancialmente de conhecimentos e experiências adquiridas pelo profissional, e sobretudo, da sua capacidade de os aplicar criativamente. A sua competência e criatividade residem na habilidade de retomar os seus conhecimentos armazenados na memória e aplicá-los numa nova situação.<sup>29</sup>

∞

“Criatividade:

1. Capacidade de criar, de inventar;
2. Qualidade de quem tem ideias originais, de quem é criativo;
3. [Linguística] Capacidade que o falante de uma língua tem de criar novos enunciados sem que os tenha ouvido ou dito anteriormente.”<sup>30</sup>

∞

Assim a criatividade demonstra-se como um importante meio de resposta na procura de novas soluções para problemas. É possível afirmar que a criatividade é uma faculdade humana que excede

<sup>29</sup> FLORIO, Wilson; TAGLIARI Ana; Projeto, criatividade e metáfora; Arquiteturarevista - Vol. 5, n° 2:92-110 (julho/dezembro 2009).

<sup>30</sup> Dicionário da Língua Portuguesa; 2012; disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=criatividade>.



os processos e as rotinas diárias de pensamento e fazer. Na realidade, o conceito de criatividade sugere a possibilidade de realizar um projecto que seja ao mesmo tempo novo e adaptado ao contexto no qual se encontra inserido, ou ainda, uma combinação original de ideias que são previamente conhecidas. Neste sentido, os arquitectos podem apresentar-se como seres altamente criativos ao produzirem resultados interessantes e/ou inesperados, que se baseiam, particularmente, em associações incomuns de ideias.

É então natural associar-se o arquitecto a um ser criativo por excelência. Isso não significa que o arquitecto exclua qualquer racionalidade na sua atitude ao projectar.

∞

“Racionalidade:

1. O mesmo que Racionabilidade;<sup>31</sup>

Racionabilidade:

1. Faculdade de raciocinar;

2. Qualidade do que é racional.”<sup>32</sup>

∞

O que importa também perceber é que a criatividade é importante na criação arquitectónica mas não se deve isolar como fundamento para a sua concepção. O arquitecto deve também ter em conta questões de ordem racional como as abordadas no capítulo anterior (pré-estudo). De nada valerá criar algo original sem um propósito claro, consciente do problema (resposta do projecto) que se quer solucionar. Assim, o arquitecto não

<sup>31</sup> Dicionário da Língua Portuguesa; 2012; disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=racionalidade>.

<sup>32</sup> Dicionário da Língua Portuguesa; 2012; disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=racionabilidade>.

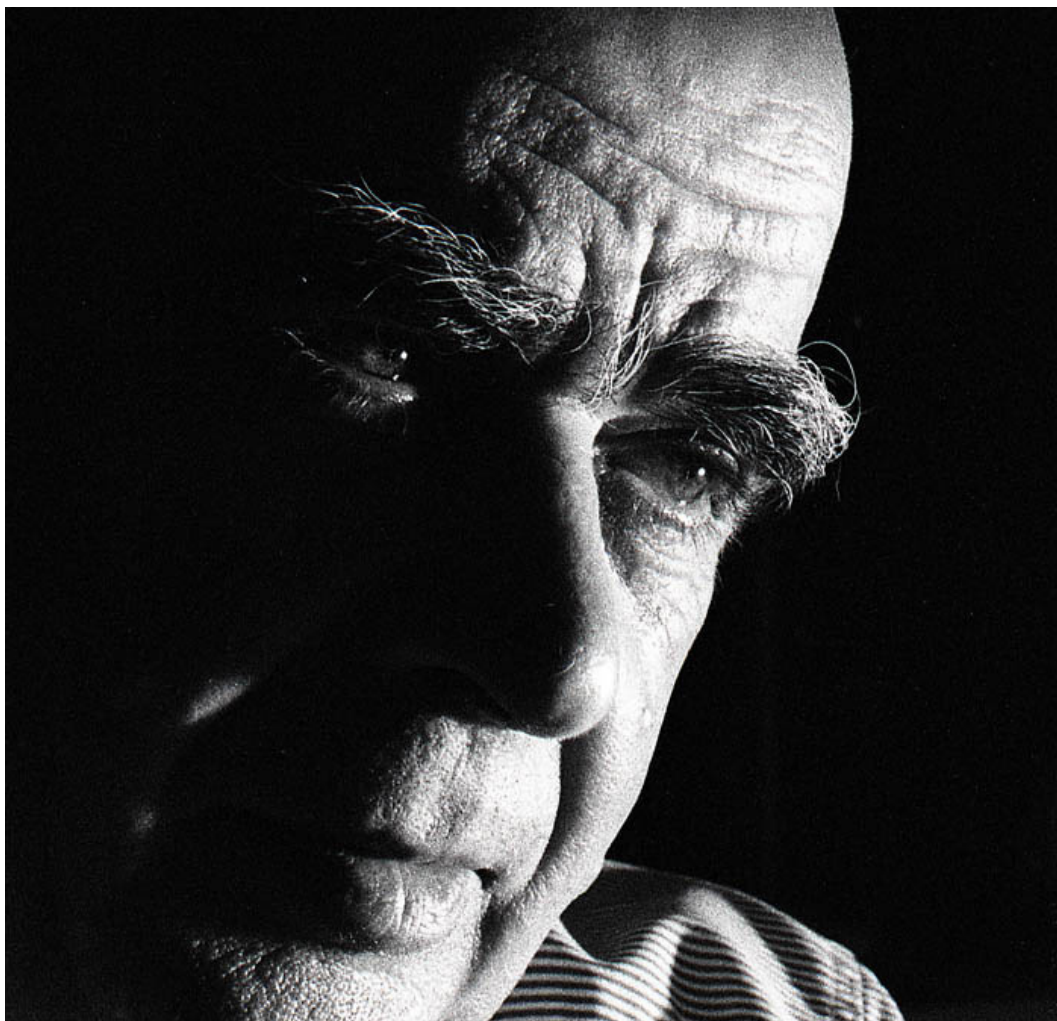


deverá justificar as suas criações exclusivamente com base na criatividade e originalidade da criação e, por consequência, deixar de parte a utilidade/técnica dessa mesma criação.

Como foi visto anteriormente, se o processo criativo em arquitectura, principalmente na sua fase inicial, exige um pensamento divergente, na busca de várias ideias e possíveis soluções, torna-se fundamental que o sujeito disponha de flexibilidade de pensamento, para facilitar as combinações entre as diferentes ideias e assim proporcionar o surgimento de novos conceitos – atitude muito familiar entre arquitectos. No mesmo sentido, a ambiguidade no trabalho do arquitecto é tomada como uma característica positiva no seu processo de trabalho justamente para que este não se satisfaça com soluções precoces ou parciais diante de problemas complexos.

A ambiguidade dos esboços criados pelo arquitecto têm a capacidade de proporcionar diferentes interpretações a respeito dos artefactos produzidos, gerando estímulos e novas hipóteses. Para tal, durante o processo de projecto, a prática do arquitecto de sintetizar os seus pensamentos em conceitos esboçados serve para esquematizar uma estratégia de solução de problemas, ou seja, torna-se num meio de controlar, manusear e comunicar problemas compostos na imensa quantidade de informação que compõe um projecto.

Por outras palavras, é o racionalizar da criatividade no processo do projecto de arquitectura que poderá estar na base de uma resposta consciente e



011\_Arquitecto Fernando Távora (Porto, 25 de Agosto de 1923 - Matosinhos, 3 de Setembro de 2005) foi um arquitecto português estabelecido no Porto, diplomado pela Escola de Belas-Artes do Porto em arquitectura no ano de 1952. No âmbito pedagógico, a sua acção foi muito relevante na afirmação do curso de Arquitectura da Escola Superior de Belas Artes do Porto (mais tarde Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto) e no curso de Arquitectura do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (DARQ-FCTUC) - que apoiou a construir no final da década de 1980, em colaboração com Alexandre Alves Costa, Domingos Tavares e Raul Hestnes Ferreira. Membro da Organização dos Arquitectos Modernos, introduziu, em associação com outros arquitectos, a partir do fim dos anos 40, uma reflexão que não tinha precedente em Portugal sobre o corolário social da arquitectura, em oposição às realizações e aos discursos oficiais da época.<sup>33</sup>

<sup>33</sup>[http://www.infopedia.pt/\\$fernando-tavora](http://www.infopedia.pt/$fernando-tavora), acedido em 17/06/2012 (imagem disponível <http://diasdeumfotografo.blogspot.pt/2008/09/ba-dos-negativos.html>; acedido em 17/06/2012).



concisa sobre a problemática das diversas atitudes face ao projectar. E essa problemática tem como principal objectivo esclarecer que a arquitectura deve dar resposta àquilo a que se propõe e nunca em medida alguma deverá estar sujeita a modas ou estilos. Assim, a forma criada deve ser funcional, respondendo a uma atitude racional - e isto não quer dizer que a criatividade tenha que ser esquecida.

Como referido, é possível observar diversas atitudes que arquitectos e teóricos deixam transparecer sobre o processo de um projecto, que ajudam a um melhor entendimento sobre os conceitos abordados anteriormente.

Arquitecto Fernando Távora

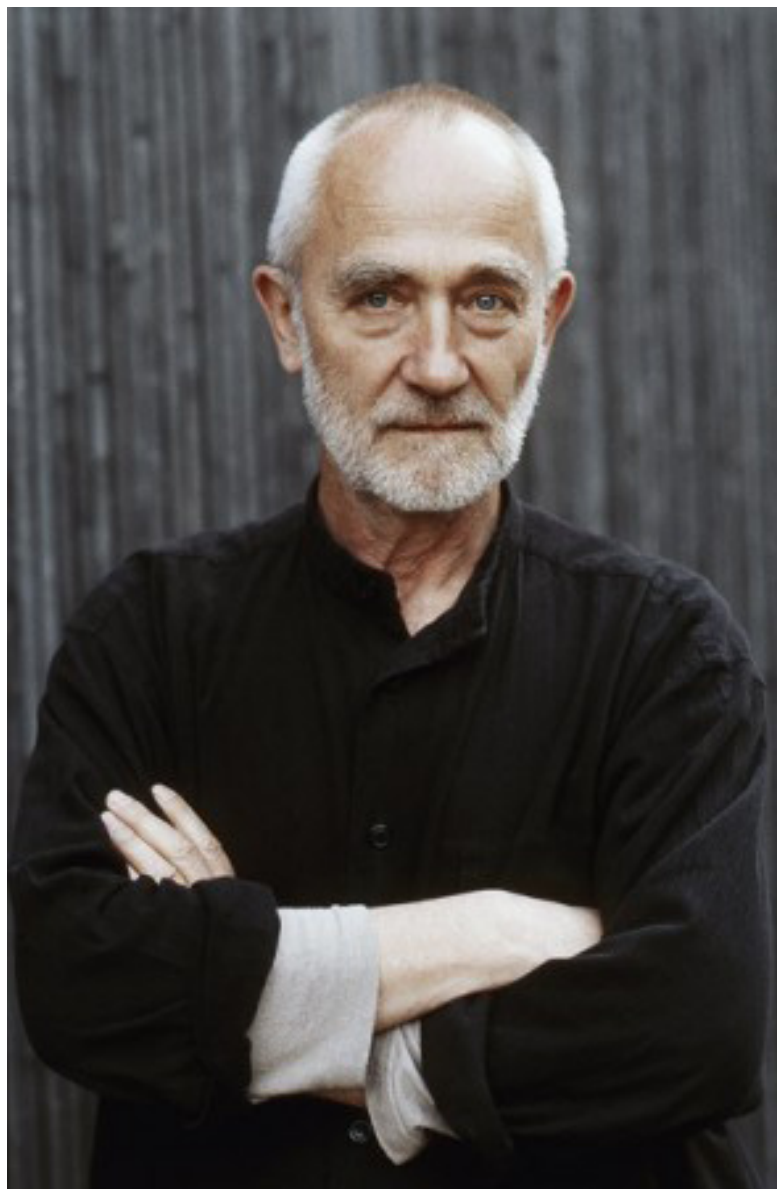
∞

“Projectar, planear, desenhar, não deverão traduzir-se para o arquitecto na criação de formas vazias de sentido, impostas por capricho da moda ou por capricho de qualquer outra natureza. As formas que ele criará deverão resultar antes, de um equilíbrio sábio entre a sua visão pessoal e a circunstância que o envolve e para tanto deverá ele conhecê-la intensamente, tão intensamente que conhecer e ser se confundem.”<sup>34</sup>

∞

Segundo Fernando Távora, o arquitecto pode e deve ter uma posição interventiva, crítica e transformadora da realidade onde pretende intervir. O arquitecto, para além de sugerir que as formas criadas devem ser suportadas num raciocínio lógico, defende ainda que projectar se deve manifestar

<sup>34</sup> TÁVORA, Fernando; Da organização do espaço (1986); FAUP Publicações, 2006.



012\_Arquitecto Peter Zumthor: nasceu em 1943 em Basileia. Tem formação de marceneiro, mestre-de-obras e arquiteto na Kunstgewerbeschule de Basileia e no Pratt Institute, Nova Iorque. Criou o seu próprio atelier de arquitectura desde 1979 em Haldenstein, Suíça. Tornou-se Professor na Accademia di architettura, Università della Svizzera Italiana, Mendrisio. Das suas obras mais importantes, destacam-se: Abrigo para o campo arqueológico romano, Chura (Suíça, 1986); Capela de Sogn Benedetg, Sumvitg (Suíça, 1988); Habitações para idosos, Chur-Masans (Suíça, 1993); Termas, Vals (Suíça, 1996); Kunsthau Bregenz, Bregenz (Áustria, 1997); Pavilhão da Suíça na Expo'2000, Hanover (Alemanha, 2000); Centro de documentação 'Topografia do terror', peças pré-fabricadas em 1997, projecto interrompido em 2004 pelas autoridades da região de Berlim; Kunstmuseum Kolumba, Colónia (Alemanha, 2007); Capela Bruder-Klaus, Herdade de Scheidtweiler, Mechernich (Alemanha, 2007).<sup>35</sup>

<sup>35</sup> ZUMTHOR, Peter; Atmosferas (2006); Editorial Gustavo Gili, SL, Barcelona, 2006. (imagem disponível em <http://naul.wordpress.com/2009/04/12/premio-pritzker-2009-peter-zumthor/>; acedido em 17/072012).

num equilíbrio entre a mente e aquilo que a circunstância infere a esse projecto.

Assim a arquitectura acontece como um produto que se mostra para além da arte, consciente de uma técnica inerente e como produto de arquitectos. O que se tenciona então perceber é em que medida a criatividade utilizada pelos arquitectos no processo de projecto deve ser complementada com técnica/ciência e é nesse sentido que importa reflectir sobre esta complementariedade na caracterização e evolução disciplinar da Arquitectura – nomeadamente de que forma é que a gestão deste processo poderá incrementar a qualidade da arquitectura projectada.

Pensa-se que a magia estará no facto de que, a arquitectura, para além de ser um ofício – e de se consolidar a partir de uma ciência racional e construtiva – também é arte e por isso deve o arquitecto saber jogar com estes dois factores de um modo extremamente sensível.

∞

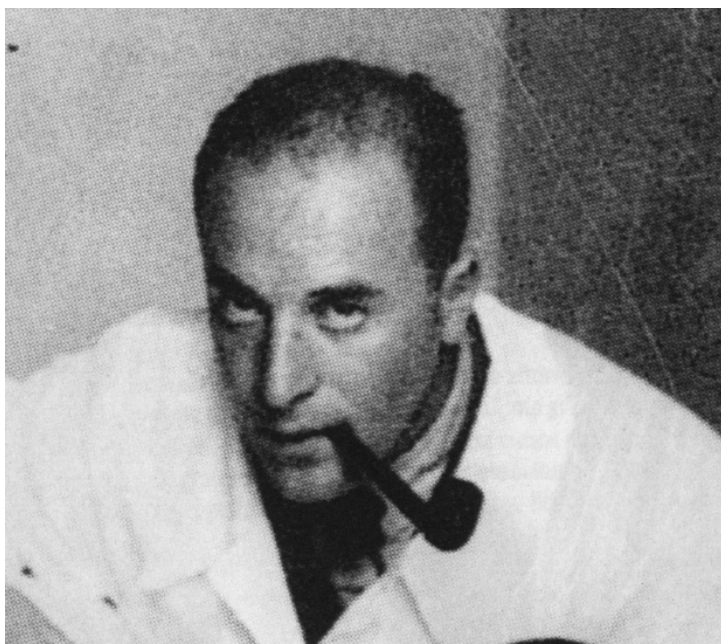
Arquitecto Peter Zumthor

“O processo de projecto baseia-se numa cooperação contínua entre o sentimento e o intelecto. As emoções, preferências, ânsias e cobiças que surgem e tomam forma devem ser examinadas como um raciocínio crítico. É depois o sentimento que nos transmite se os pensamentos abstractos são coerentes.”<sup>36</sup>

∞

O arquitecto Peter Zumthor frisa a interdependência do pensamento racional com o pensamento emocional, característicos da acção humana,

<sup>36</sup> ZUMTHOR, Peter; Pensar a arquitectura; trad. Astrid Grabow; Gustavo Gili, Barcelona, 2005.



013\_Arquitecto Ernesto Rogers; (Trieste, 16 de Março de 1909 – Gardone Riviera, 7 de Novembro de 1969) foi um arquitecto italiano. Formou-se em arquitectura no Instituto Politécnico de Milão em 1932. Nesse mesmo ano fundou com outros estudantes o atelier BBPR. Em 1939, Rogers refugiou-se na Suíça por causa das leis raciais fascistas e retornou a Itália em 1945 onde foi fundamental para o trabalho de BBPR (que se reconstituiu depois da guerra, mantendo o mesmo nome). Viajou pelo Mundo no período de estabelecimento do Modernismo da arquitectura. Em 1946 conheceu em Buenos Aires Clorindo Teste, que foi fortemente influenciado pela visão humanista de Rogers sobre a arquitectura moderna internacional. Através da liderança de duas importantes revistas de arquitectura, *Domus* (1946-1947) e *Casabella* (1953-1965), especialmente pelo seu editorial famoso, Rogers cria progressivamente um enfoque teórico sobre a arquitectura fortemente influenciado pelos estudos de Enzo Paci sobre a fenomenologia de Edmund Husserl. De particular importância na personalidade de Rogers, destaca-se o seu foco na educação e na formação do arquitecto, tornando-se Professor no Politécnico de Milão em 1964, poucos anos antes de sua morte.<sup>37</sup>

<sup>37</sup> [http://it.wikipedia.org/wiki/Ernesto\\_Nathan\\_Rogers](http://it.wikipedia.org/wiki/Ernesto_Nathan_Rogers); acedido em 30/06/2012 (imagem disponível em <http://www.gizmoweb.org/wp-content/uploads/2009/09/en-rogers.jpg>; acedido em 17/06/2012).

quando argumenta que o processo de projecto se baseia numa cooperação entre o sentimento e o intelecto.<sup>38</sup> E nesse sentido, o que importa perceber é em que medida esta interdependência deve ser encarada e transportada para o projecto de arquitectura.

Desta forma, ainda que o arquitecto concilie a sua ideia base de forma harmoniosa mas consequente, isto é, ainda que a apoie na sua habilidade artística, na sua criatividade e na sua intuição empírica, deverá fundamentar-se na sua mestria, técnica e racionalidade, bem como na capacidade tecnológica disponível e acessível, para que a construção do projecto seja viável.

Por isto tudo, admite-se que o projecto de arquitectura resulta de um somatório de vários factores, uns objetivos e outros subjectivos, exigindo do arquitecto uma reflexão introspectiva centrada em todas as premissas que constituem a ideia de projecto que se quer solucionar. Como referido, o arquitecto deverá dispor de uma consciência teórico-prática e de um conhecimento técnico abrangente que deverá ser suficiente para poder descodificar e gerir todos esses dados que são disponibilizados, convertendo-os em factos concretos e organizando-os de forma legível, de forma a serem introduzidos na composição do projecto de arquitectura.

Arquitecto Ernesto Rogers

Numa outra perspectiva, semelhante mas notoriamente mais radical, Ernesto Rogers refere-se à composição do projecto arquitectónico como

<sup>38</sup> ZUMTHOR, Peter; Pensar a arquitectura; idem.



014\_Arquitecto Manuel Taíinha; (Paço de Arcos, 1922 - Lisboa, 2012) Tornou-se arquitecto pela Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa (ESBAL) em 1950. É autor de diversas obras de valor reconhecido, algumas das quais premiadas com importantes galardões da Arquitectura nacional e internacional, dos quais se destacam o Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura de 1991 pelo edifício da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, o Prémio Nacional de Arquitectura (Associação dos Arquitectos Portugueses) para Edifícios Isolados e o Prémio Jean Tschumi 2002 instituído pela União Internacional dos Arquitectos.<sup>39</sup> Destacam-se algumas das suas obras como: como a Pousada de Santa Bárbara em Oliveira do Hospital, a Escola Agro-Industrial de Grândola, as torres dos Olivais em Lisboa, e ainda a Faculdade de Psicologia. A par do trabalho de projecto, destacou-se como professor e também no ensaio crítico.<sup>40</sup>

<sup>39</sup> [http://www.asa.pt/autores/autor.php?id\\_autor=1293](http://www.asa.pt/autores/autor.php?id_autor=1293); acedido em 17/06/2012.

<sup>40</sup> [http://rr.sapo.pt/informacao\\_detalhe.aspx?fid=30&did=66831](http://rr.sapo.pt/informacao_detalhe.aspx?fid=30&did=66831); acedido em 17/06/2012.

(imagem disponível em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Manuel\\_Taíinha\\_Lisboa\\_1975.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Manuel_Taíinha_Lisboa_1975.jpg); acedido em 17/06/2012).

uma condição unitária, na qual a técnica e estética se movem influenciando-se reciprocamente. Acrescenta ainda que o arquitecto é aquele que deve criar a síntese entre o mundo do útil e o mundo do belo, salientando que qualquer acentuação parcial de um dos temas desvia-o do seu objecto.<sup>41</sup> Assim, este equilíbrio é fundamental no sucesso do projecto de arquitectura, implicando uma atitude racional mas simultaneamente criativa por parte do arquitecto, que deve ponderar sobre esta ambivalência funcional e estética.

Arquitecto Manuel Tainha

Neste sentido, o Arquitecto Manuel Tainha vem reforçar esta ideia quando afirma que a técnica não pode ser separada da criação - porque o arquitecto difere dos outros técnicos na medida em que o seu fazer é um fazer artístico com todos os atributos próprios.<sup>42</sup> De um modo muito simples, o Arquitecto sugere que quando a ideia surge, a inteligência deverá estar apta para saber o que fazer com essa ideia. E assim surge o equilíbrio entre arte/criatividade [porque ter uma ideia é ser criativo] e o intelecto/racional.

∞

“O acto criativo comum a todas as artes, diz-se, consta de um procedimento intelectual de natureza cognitiva (fantasia-imaginação) que se finaliza num procedimento técnico, isto é, a escolha de uma matéria e da maneira de a tratar. (...) Recorde-se a este proposito que, se criar uma forma arquitectónica é objectivamente resolver um problema prático (humano) que não pode ser resolvido de outra maneira, também aquilo que essa forma ‘diz’ não pode ser dito de outro modo.”<sup>43</sup>

∞

<sup>41</sup> ROGERS, Ernesto Nathan; *Esperienza dell'architettura*, Milano: Skira, 1997.

<sup>42</sup> TAÍNHA, Manuel; *Arquitectura em questão: reflexões de um práctico*; Lisboa: A.E.F.A.U.T.L., 1994.

<sup>43</sup> TAÍNHA, Manuel; *idem*.





015\_Seródio Furtado & Associados: João Pedro de Alves Guimarães Seródio nasceu em 1963. Licenciou-se em Arquitectura pela FAUP em 1991 e em 1992 criou o seu atelier próprio juntamente com Isabel Furtado (1965), que também se licenciou em Arquitectura pela FAUP (1991).<sup>44</sup> Isabel Furtado estagiou no atelier de Michael Alder, em Basileia, e detém uma pós-graduação em Construção de Edifícios pela F.E.U.P. Após o estágio no atelier de Herzog & de Meuron, João Pedro Seródio foi docente na Universidade Lusíada e é actualmente Assistente Convidado na FAUP. O escritório caracteriza-se por uma participação intensa em concursos e uma encomenda marcada pelo carácter público e complexidade dos programas. Os projectos aliam a elaboração conceptual à redução expressiva e tectónica.<sup>45</sup>

<sup>44</sup> <http://www.serodiodfurtado.com/#/pt/perfil/biografia/joao-pedro-serodio>; acedido em 17/06/2012.

<sup>45</sup> [http://www.dgartes.pt/metaflux\\_veneza/dossier\\_metaflux.pdf](http://www.dgartes.pt/metaflux_veneza/dossier_metaflux.pdf); acedido em 17/06/2012.

(Imagem disponível em [http://www.oasrn.org/img\\_upload/foto\\_JP\\_IF\\_w.jpg](http://www.oasrn.org/img_upload/foto_JP_IF_w.jpg); acedido em 17/06/2012).



Serôdio Furtado & Associados

E num sentido de finalização da problemática até aqui exposta, a obra de Serôdio Furtado & Associados poderá tornar-se uma exposição sensata desta problemática quando nos apresentam uma perspectiva onde a intuição, no processo de arquitectura [enquanto característica comum ao ser humano] é suficiente para contaminar toda e qualquer hipótese de racionalidade e nesse sentido dizem que a razão é muito pouco para determinar o projecto e muito pouco para fazer arquitectura.<sup>46</sup>

∞

“arq./a: Essa vontade de racionalidade, lógica e coerência parece estar relacionada com a procura de uma arquitectura essencial, liberta das contingências da subjectividade do gesto criativo. A arquitectura pode realmente ser objectiva?

SF&A: Quando é que pode ser objectiva? Há um momento em que a ideia está clara, em que o método, que não é exclusivamente racional, já tratou de representar, incorporar e, de algum modo, resolver todas as questões técnicas, racionais, irracionais, intuitivas e outras. Nesse momento (...) o esforço é mais da razão, de cumprir com a representação da ideia, de a transcrever com exactidão, de manter a sua integridade e coerência.”<sup>47</sup>

∞

Ainda segundo a mesma fonte, num processo de um projecto é complicado delimitar se se sobrevaloriza ou subvaloriza a razão, mas que ela não é certamente o motor que impulsiona o processo de criar arquitectura. Referem antes um esforço formal que se reflecte numa ideia de projecto coerente e estruturada – e isso não é um produto puro da razão, mas um produto do racionalizar da intuição.

<sup>46</sup> SERÔDIO, João Pedro; idem

<sup>47</sup> SERÔDIO, João Pedro; idem.



## Gestão do processo de projecto

Actualmente, diversas acções têm sido tomadas no sentido de melhorarem a qualidade das obras projectadas dado que é consequente o surgimento de diversos problemas que resultam de falhas de comunicação entre os diversos agentes que constituem uma equipa. E nesse sentido, sabe-se que esse quadro acontece porque nem sempre esse processo é desenvolvido de maneira sistémica, onde todas as necessidades e exigências dos diversos clientes são consideradas ao longo de todo o processo.

As decisões tomadas na fase de desenho do arquitecto irão influenciar todas as fases consequentes de produção e ciclo de vida do edifício. É neste sentido que o arquitecto deve acreditar nas fases que antecedem este processo (viabilidade, oportunidade...) como bases seguras para a sua criação. Um projecto com informações adequadas é capaz de influenciar o custo global da obra, proporcionando às organizações o aumento das possibilidades de lucro e competitividade de mercado, além da própria garantia da qualidade que pretende oferecer.

Portanto, as atitudes relativas ao processo de um projecto apresentam um papel estratégico tanto para o sucesso da obra como para o sucesso das próprias organizações envolvidas – resultado do seu potencial de envolvimento nas demais fases do processo de desenvolvimento.<sup>48</sup>

<sup>48</sup> FARINHA, Maria de Fátima; idem.



O processo de projecto deve ser entendido de uma maneira mais ampla, abordando não só questões específicas do seu processo, mas também questões relacionadas com a sua gestão e com os demais processos da obra. E neste sentido, nos dias de hoje, ouve-se já falar da implementação de sistemas de gestão de qualidade, [ou vontade de o fazer], com o objectivo de encontrar uma sistematização para os processos de concepção. Estes sistemas de gestão de qualidade podem permitir avaliar o desempenho do processo do projecto e medir a eficácia das acções de melhoria possivelmente implementadas.

No entanto, pelo que se pode observar actualmente, percebe-se que não existe um modelo único capaz de determinar as características essenciais do processo do projecto de arquitectura. Porém, há uma tendência para o sistematizar através da implementação de um modelo de gestão de projectos - de forma a organizá-lo segundo os demais agentes envolvidos.



## 2.4. O HOMEM E O PROJECTO DE ARQUITECTURA

∞

“Se admitirmos – à partida – que quando falamos de arquitectura está inevitavelmente implícita a existência do Homem, isto é, de alguém que vai ambicionar, idealizar, concretizar e depois relacionar-se intrinsecamente com essa arquitectura, então será evidente que para existir arquitectura tem de existir pelo menos um sujeito que tenha um problema concreto que se converte numa intenção e posteriormente num projecto de arquitectura que alguém realizará através de uma construção efectiva.”<sup>49</sup>

∞

No seguimento do trabalho desencadeado, torna-se necessário reflectir sobre a arquitectura e a sua prática profissional face à figura do seu criador, cliente e utilizador - o Homem, uma vez que todas as acções humanas têm implicações e que por isso é necessário tê-las em contas e sobre elas reflectir.

Essencialmente, toda a construção é um projectar de sonhos e vontades – vontade de projectar e transformar o lugar que se afirma como palco da actividade humana [o espaço existencial], e torná-lo cada vez mais adequado a essa realidade onde se existe [o sonho]. Neste sentido, o Homem possui um papel bastante determinante no ‘conceber arquitectura’ – torna-se numa realidade inerente a essa acção, não só enquanto sujeito que concebe espaços mas também como sujeito que os vai utilizar. Sabe-se que ele vai condicionar o projecto de

<sup>49</sup> RODRIGUES, Ana Luísa; A habitabilidade do espaço doméstico: o cliente, o arquitecto, o habitante e a casa; Dissertação de Doutoramento; Universidade do Minho, Braga 2008.





forma a que haja um ponto de partida e um objectivo alcançável – um ponto final – onde o ‘homem cliente’, o ‘homem arquitecto’ e o ‘homem utilizador’ vão introduzir premissas orientadores de discussões, percursos e decisões.

#### O ‘Homem Cliente’

∞

“O cliente é esse ser sem o qual é impossível fazer arquitectura, mas com o qual é ainda mais difícil realizá-la.”<sup>50</sup>

∞

O sujeito cliente é inevitável no processo de concretização da arquitectura: introduz-lhe uma complexidade inerente e, nesse sentido, torna-se necessário entender a relevância imediata que esta figura assume na realização de projectos, ou seja, esclarecer a sua função e a sua relação com o próprio projecto. Uma colaboração intensa entre o arquitecto e o cliente é extremamente relevante uma vez que é o próprio cliente que lhe dará as coordenadas na busca de uma solução que deverá satisfazê-lo.

Portanto: para existir um projecto, é necessário existir uma vontade que desencadeie esse projecto; mas para existir essa vontade de transformar determinada realidade, é necessário um sujeito que a tenha e que ambicione concretizá-la – estabelecendo a génese do projecto que posteriormente se consolidará, dando origem ao respectivo objecto arquitectónico.

Sabe-se também que um projecto de arquitectura

<sup>50</sup> ROGERS, Ernesto Nathan; *Esperienza dell'architettura*, Milano: Skira, 1997.



está inevitavelmente ligado à própria vivência do homem, que necessita de equipamentos que viabilizem a sua presença na Terra – controlando e moldando a sua existência ao meio ambiente circundante. E embora o enunciado do problema [a ambição que origina o despoletar de um projecto] já se encontre – à partida – definido, na verdade, o programa que estabelece as coordenadas específicas de cada solução e consequentemente define o respectivo projecto de arquitectura, está directamente relacionado com as contingências específicas de cada sujeito, e, portanto, de cada cliente – que procuram soluções adequadas que respondam, designadamente, às problemáticas relacionadas com o modo de vida humana, efémero, circunscrito num determinado espaço e período de tempo.<sup>51</sup>

O cliente desencadeia assim todo o processo de concepção de um projecto de arquitectura, e a essência do projecto pode, neste sentido, ser-lhe atribuída. Sintetiza-se: o cliente aborda o arquitecto com uma ideia de um projecto, apresentando as suas especificidades e intenções; tem em vista um terreno que introduzirá uma série de coordenadas a ter em conta; e possui ainda determinadas condições financeiras que se esperam capazes de aguentar todo o processo de concepção do projecto [e no fim, a sua execução]. Assim se inicia o processo de concepção do projecto de arquitectura, que conduzirá desejavelmente à sua concretização futura.

O 'Homem Arquitecto'

Se o cliente é o elemento que despoleta a vontade

<sup>51</sup> RODRIGUES, Ana Luísa; idem.



de se iniciar um projecto, é necessário um sujeito que torne possível o desenho desse mesmo projecto – o ‘homem arquitecto’, determinando que a actividade do arquitecto, por sua vez, abarca desde o urbanismo, passando pela arquitectura, até ao mobiliário, e desenvolve-se em torno da vida do homem: a sua tarefa consiste em organizar a vida no espaço com o fim de prover as suas necessidades espirituais e materiais.<sup>52</sup>

O arquitecto surge assim como o sujeito que reúne as intenções provenientes do cliente que permitem configurar o eventual programa do projecto de arquitectura, [ainda que estas possam ser unicamente funcionalistas]. Ou seja, é o arquitecto que vai transformar a encomenda concreta desse cliente num projecto de arquitectura que se consubstancia na obra edificada, encontrando-se relacionada com a vontade que o cliente transmitiu ao arquitecto.

∞

“(...) o cliente vai ajudar a consumir o carácter profissional da arquitectura, exaltando o seu lado mais operativo e lembrando que a arquitectura é, para além de mais, um ofício.”<sup>53</sup>

∞

A relação entre o cliente e o arquitecto assume assim uma figura relevante no projecto de arquitectura: o cliente vai conferir legitimidade para aceitar, ou negar, determinadas decisões relativas ao próprio projecto que vai ser elaborado pelo arquitecto, esperando sempre que este sirva os seus propósitos de um modo inequívoco, tendo em conta as suas próprias condições e condicionantes.

<sup>52</sup> RODRIGUES, Ana Luísa; *idem*.

<sup>53</sup> RODRIGUES, Ana Luísa; *idem*.



Deste modo, a relação que se estabelece entre o homem cliente e o homem arquitecto é de elevada relevância dado que influenciará directamente o desempenho do projecto de arquitectura. Estabelece-se um compromisso entre estas duas figuras, onde esforços de negociação, de exigências e de compromissos serão feitos, num sentido determinante relativo a esse desempenho – provocando uma proximidade intensa entre ambos – o resultado final tem que ser do agrado dos dois sujeitos.

O sucesso do projecto depende, muitas vezes, da qualidade da relação que se estabelece entre o cliente e o arquitecto. E neste sentido não se pode deixar no esquecimento que, muitas vezes, o cliente não representa apenas um só sujeito e que nessa situação as exigências e negociações se tornam ainda mais complexas e o projecto terá que ser adaptado e adequado a todos os sujeitos que re-presentam o 'homem cliente'.

Conclui-se assim que o próprio sucesso no processo de concretização do projecto dependerá, igualmente, da relação que se estabelece e se consolida entre estes dois sujeitos, introduzindo-se como um factor imprevisível mas simultaneamente incontornável. Resta aos dois sujeitos trabalhar sobre essa relação, tentando tirar o maior partido da mesma.

O 'Homem utilizador'      Pensa-se no mesmo sentido no que se refere ao homem utilizador: o projecto de arquitectura espera-se flexível ao[s] seu[s] futuro[s] utente[s]; à





excepção de projectos de arquitectura executados para um só sujeito, um só futuro utilizador que, pela circunstância individual que apresenta, apenas se procurará adaptar a si mesmo, de forma pessoal e intransmissível, o projecto deve apresentar a flexibilidade sugerida quando elaborado para um utilizador *target*, identificado apenas a partir de determinados requisitos tipificados, nomeadamente a partir de estudos estatísticos e de mercado que se baseiam nas especificidades do alvo que se pretende atingir.

Na realidade, o projecto de arquitectura elaborado para um utilizador tipo em detrimento de um utilizador específico, expressa-se de um modo quase antagónico, uma vez que o primeiro será elaborado tendo em conta, simplesmente, um hipotético utilizador tipo que, apesar de assumir características específicas, são apenas tipificadas, não representando qualquer desejo particular, nem qualquer especificidade individual desse futuro utilizador.

Como já foi referido anteriormente, habitar na Terra equivale a uma realidade de primeiro plano entre as necessidades humanas – a arquitectura deve contribuir para a existência do homem na Terra e assim percebe-se que o arquitecto deve questionar-se sobre o modo como se poderá adaptar ou por vezes, impor, a arquitectura ao seu utilizador, mais do que o utilizador à arquitectura [do objecto arquitectónico]. O arquitecto deve também reflectir de que modo pode ser o projecto de arquitectura apropriado pelo seu utilizador



e em que sentido é que ele próprio pode proporcionar isso. E isto implica que se adicione então o homem à arquitectura, que se acrescente o utilizador à obra, dando-lhe sentido e introduzindo-lhe vida, actividade humana. E se é ao arquitecto que é incumbida a tarefa de conformar a obra de arquitectura, então será do arquitecto que se espera tudo isto.<sup>54</sup>

Logo, a arquitectura precisa do sujeito para justificar a sua razão de ser, o seu propósito - é ele que dela usufrui e lhe dá utilidade.

O 'Homem  
apropriador do espaço'

Reflectir sobre o modo como o objecto arquitectónico é habitado, passa por reflectir sobre o modo como as pessoas entram no seu espaço e se movem, transformando-o e dotando-o de habitabilidade, atribuindo-lhe intimidade, tornando-o real, dando-lhe vida. Com efeito, não é a sua arquitectura que o torna memorável, mas antes, a experiência de vida que pode conter - e é neste preciso sentido que o arquitecto deve perceber o seu papel enquanto sujeito que cria objectos arquitectónicos que vão ser apropriados das mais distintas formas.

Isto leva a concluir que o verdadeiro objecto arquitectónico nunca poderá ser considerado simplesmente como um elemento isolado da sua realidade humana. E que será uma vontade projectá-lo na procura da perfeição, elevando a qualidade de vida do homem. Se é para o homem que a arquitectura se constrói, utilizá-la passa por apropriar-se da obra já construída - questiona-se então como é que o utilizador se apropria da realidade archi-

<sup>54</sup> RODRIGUES, Ana Luísa; idem.



tectónica e de que forma é que essa realidade pode condicionar o modo de a utilizar.

Ao falarmos de apropriação, referimo-nos ao modo como o utilizador converte o objecto arquitectónico no espaço que utiliza como *background* para inúmeras actividades, adaptando-se àquilo que esse objecto tem para oferecer sendo que cada utilizador o fará de um modo absolutamente intuitivo e personalizado - pois só assim esse espaço será realmente apropriado. Assim parece evidente que a apropriação do objecto dependerá unicamente do seu utilizador, mas também é óbvio que todas as qualidades espaciais que se atribuem a cada espaço estarão dependentes do projecto de arquitectura, logo, das opções do arquitecto. E é neste sentido que se acredita que o projecto de arquitectura de uma determinada realidade pode interferir com o modo de a apropriar, pois é o arquitecto que caracteriza - antes de mais - a sua espacialidade. É este sujeito que dita as regras do projecto.

Concluindo, é certo que existem diversos factores, aspectos, ou efeitos que o arquitecto pode e deve considerar no acto de composição do projecto de um objecto arquitectónico mas que só se reflectem a partir do momento em que o utilizador o ocupa e usa, vivendo uma existência real e quotidiana. Todos esses factores, aspectos ou efeitos só fazem sentido quando se relaciona a arquitectura com o homem - o espaço com a vida.



016\_Casa Farnsworth, Mies van der Rohe<sup>55</sup>: esta obra revela-se como o ícone máximo do famoso 'less is more' do arquitecto da obra em questão. Esta casa gerou uma grande polémica em seu redor pois envolveu o seu arquitecto e a sua cliente, Edit Farnsworth, em processos judiciais. A cliente alegava que a casa era inabitável e Mies concordava, explicando que a casa era somente uma residência de férias e principalmente, uma experimentação artística.

<sup>55</sup> Imagem disponível em <http://www.arquitetonico.ufsc.br/farnsworth-house>; acedido em 25/06/2012.

O Homem enquanto  
realidade inerente  
ao projecto de arquitectura

Questiona-se então em que medida é que o Homem representa uma realidade inerente ao projecto de arquitectura e nesse sentido percebe-se que o sucesso do projecto de arquitectura torna-se evidente quando o arquitecto consegue converter os desejos do seu cliente em premissas do próprio projecto e é deste ajuste entre o que o cliente deseja e o que o arquitecto aceita como desejável que resulta o projecto de arquitectura.<sup>56</sup> No entanto, é possível observar alguns casos em que esta situação não se verifica [como o caso da Casa Farnsworth, de Mies van der Rohe, onde um projecto de sucesso se cruza com divergências entre o cliente e o arquitecto], possivelmente, por razões externas à própria arquitectura que o arquitecto e/ou o cliente desejam.

Neste sentido importa referir que o compromisso que se estabelece entre cliente e arquitecto constrange e condiciona o processo de concepção da obra de arquitectura, podendo resultar num valor acrescentado – será nessa dupla reciprocidade que se poderá encontrar o equilíbrio, revelando-se preponderante, quer na consolidação do específico conceito desse projecto, quer na sua concretização.

Ainda neste mesmo sentido, compreende-se que o conceito de projecto de arquitectura relaciona-se, inevitavelmente, com a existência de um sujeito que dele usufruirá, futuramente, na obra construída – domesticando-o e definindo-o como território de vivências e com o qual cria relações.

<sup>56</sup> RODRIGUES, Ana Luisa; *idem*.





Desta forma, torna-se sensato atribuir ao sujeito que posteriormente ocupa a obra de arquitectura, um papel crucial no desempenho desta e para isso o arquitecto deve estar próximo das exigências deste sujeito e projectar espaços que estão em conformidade com o esperado.

Constata-se assim que a arquitectura concebida é destinada a servir uma série de indivíduos – a relação que os espaços assumem com o homem que os ocupa vai ser tão relevante quanto a própria obra de arquitectura em si. O homem vem assim completar a vida de uma obra de arquitectura, que só por si poderá ser a mais bela criação, mas que se não estiver adaptada ao inerente modo de vida de quem a vai utilizar, pode ver o seu desempenho ameaçado por uma falta de comunicação entre o sujeito que a utiliza e o que o próprio lugar oferece.

A obra projectada deve reflectir um esperado modo de vida que vai ser inerente aos seus espaços – onde se espera que o sujeito se aproprie convenientemente dela. Assim o utilizador, ao assumir uma total afinidade com a obra de arquitectura, estabelece uma conexão com o respectivo objecto arquitectónico, o que vai aferir a sua relevância na concretização desse mesmo objecto – justificando a sua interferência na respectiva solução arquitectónica preconizada pelo arquitecto. Mais ainda: julga-se que é, designadamente, a consideração do utilizador – que está implícita na própria encomenda do projecto de arquitectura – que acabará por expressar o limite de intervenção do arquitecto.



A consideração dos sujeitos 'cliente', 'arquitecto' e 'utilizador' torna-se crucial no projecto de arquitectura - sem o cliente, a vontade de um novo projecto não surge; sem o arquitecto não é possível transformar o desejo de um sujeito num projecto de arquitectura; e sem o utilizador não é possível elevar a criação arquitectónica ao seu expoente máximo: melhorar a qualidade de habitabilidade dos Seres Humanos na Terra.

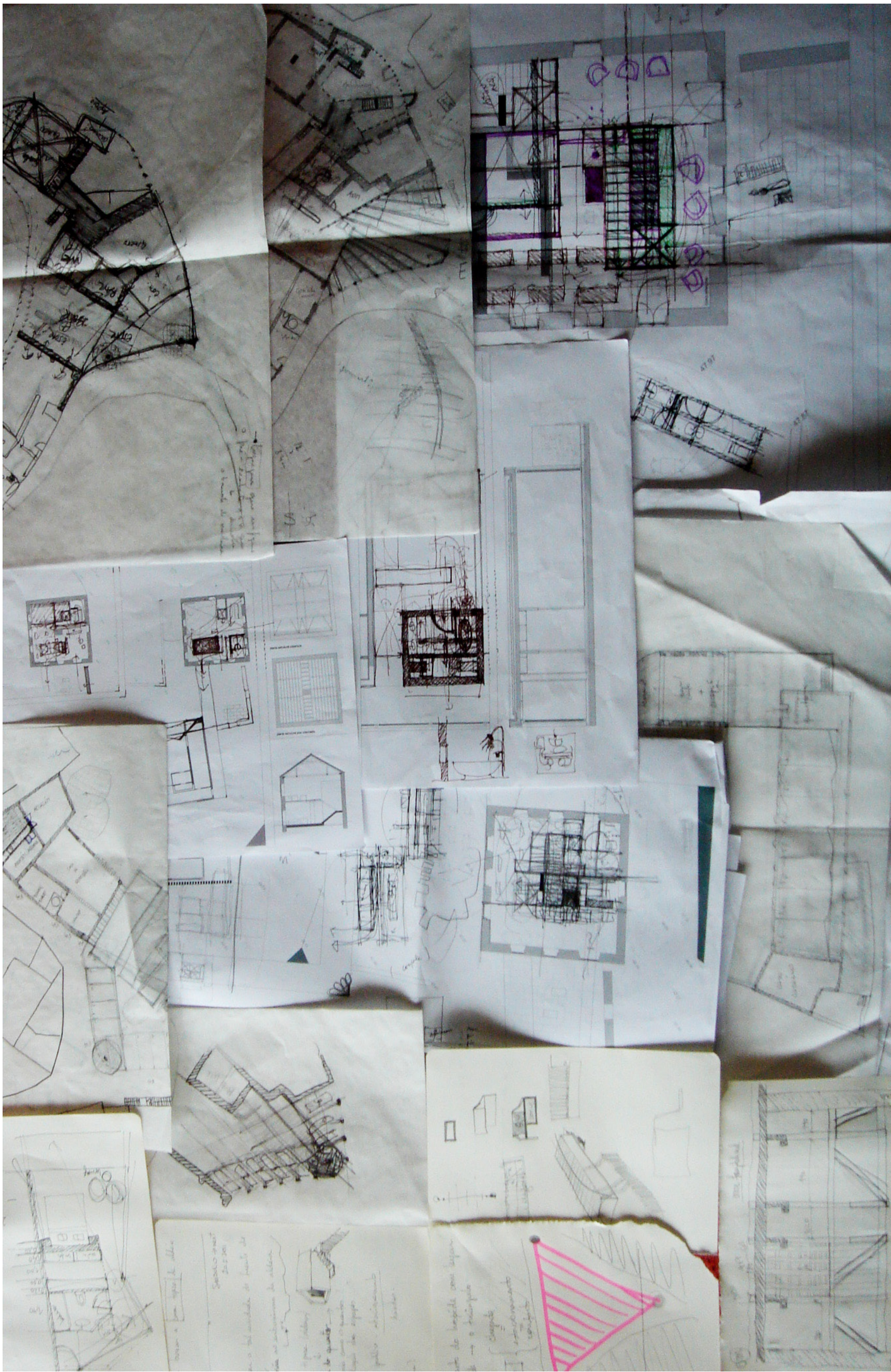
Conclui-se, então, que o sucesso de um projecto de arquitectura depende, muitas vezes, da qualidade da relação que se estabelece entre o cliente, o arquitecto e o utilizador.



O P R O J E C T O ' A Q U I N T A D ' A V Ó '







017\_Croquis desenvolvidos durante o estudo da proposta



## 3.

## O projecto

## 'A Quinta D'Avó'

Como referido previamete, da vontade de realizar um projecto numa ponte entre os projectos de âmbito académico [passado] e os projectos de âmbito profissional [futuro], aliada a todas as características que os distinguem, surge a oportunidade de realizar um projecto de arquitectura. As premissas são apresentadas numa abordagem teórica e seria necessário aplicar esse estudo num caso prático, real, onde fosse realmente possível perceber a sua importância e dimensão. Neste sentido, a estrutura do trabalho surge nesta dicotomia em que uma das partes não seria possível sem a outra. Toda a teoria é lançada com o objectivo da sua projecção numa dada realidade e espera-se que a sua aplicação neste caso prático aconteça com a função de, em grande parte, lhe dar um sentido de exposição e a sustentar. Desta forma, a oportunidade que se vê num espaço de família quase a cair no desuso aparece quase que como ideal – uma quinta de família, um lugar recheado de memórias e antepassados e onde ainda hoje se registam pegadas de uma realidade próxima da sua extinção.

Por outro lado, ao mesmo tempo que esta oportunidade de projecto surge, questiona-se o que se quer que aconteça nesse mesmo projecto, quais serão os objectivos que se pretendem atingir e nesse sentido o debate teórico avançou na procura e análise de um caminho que originasse premissas que guiarão a realização deste projecto de arquitectura.

Neste sentido, esta estrutura híbrida completa-se e complementa-se e cada uma delas é necessária à viabilidade e sobrevivência da outra.





018\_Envolvente actual da Quinta D'avó

Assim, a oportunidade referida surge no momento em que se está desperto na procura de um suporte que seja eficaz na exposição de uma atitude que se pretende demonstrar, de um modo claro e directo.

Na consequência dessa predisposição, viu-se numa quinta de família que actualmente se encontra a cair no esquecimento, esta oportunidade única procurada e que então se agarra e aqui se apresenta. Começa-se por explorar aquilo que o lugar pode oferecer e de seguida avança-se com uma atitude de o [re]interpretar e [re]projectar - com a intenção de expor tudo o que isso poderá envolver.

Assim, o ponto de partida assume-se pelo próprio lugar e isso é óbvio - é o primeiro elemento capaz de fornecer uma grande parte das premissas orientadoras de uma ideia. Neste sentido, tenciona-se apresentar este lugar e, conseqüente ao mesmo, a ideia que, posteriormente testada, tornou possível um projecto.



### 3.1. O LUGAR

O lugar é Ribafeita, uma pequena freguesia no distrito de Viseu. A condição rural é o cenário mais evidente: observa-se uma povoação que ali se alocou, desprovida de qualquer ordenamento territorial ou organização previamente estudada. Um cenário típico de aldeia: os passeios são inexistentes, as janelas abrem-se para as ruas sinuosas e as estradas de terra batida rodeiam o local.

Esta foi a visão construída com o passar dos anos e com o passar das inúmeras visitas que já se fez a este local. É esta visão que despoleta para a vontade de transformar positivamente a realidade observada.

Ribafeita é uma freguesia portuguesa do concelho de Viseu, com 18,59 km<sup>2</sup> de área e 1227 habitantes (2011), subdividido em 7 povoações - Casal, Covelas, Gumie, Lufinha, Lustosa, Ribafeita e Seganhos, - com uma densidade que aponta aos 66 hab/km<sup>2</sup>.<sup>56</sup>

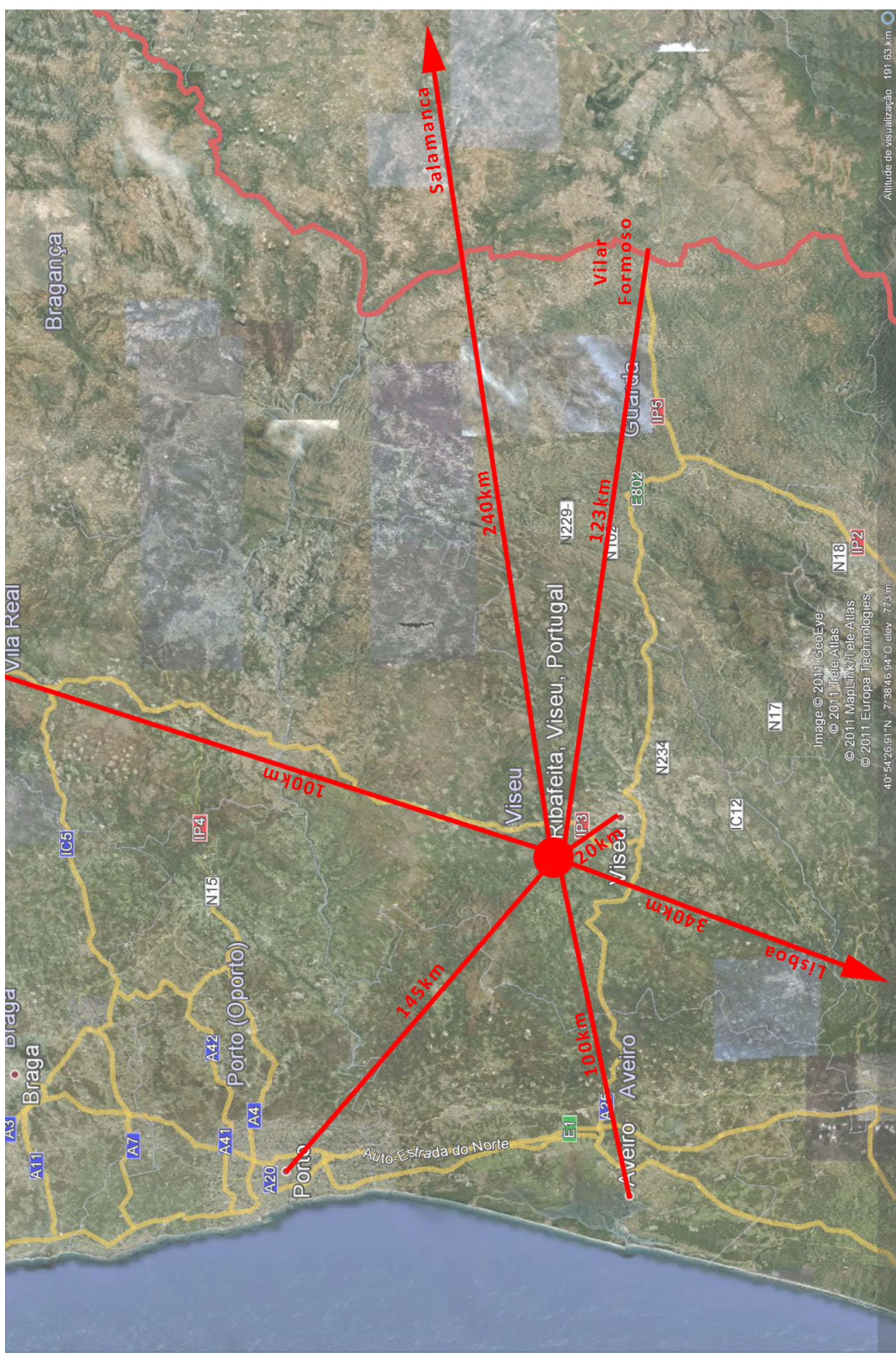
Ribafeita, Viseu

Fica situada na margem esquerda do Rio Vouga, distando 15 quilómetros da sede do concelho e 7km de São Pedro do Sul, estando delimitada pelas freguesias de Calde, Lordosa e Bodiosa.

O nascimento da freguesia remonta a tempos muito antigos. Ribafeita já vem mencionada em documentos datados de 1104 - as 'terras' de Ribafeita faziam parte dos julgados medievais de Lafões e de Viseu, como o comprovam as Inquirições de 1258. Há na freguesia uma curiosa lenda acerca de um dos sinos da igreja matriz. Como o timbre do sino era tão harmonioso, um dos bispos de Viseu cobiçou-o para as torres da respectiva Sé. Apesar da

<sup>56</sup> <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ribafeita>; acedido em 15/04/2012.



019\_Localização da freguesia de Ribateja e principais distâncias às cidades mais próximas<sup>60</sup>



resistência do povo, o bispo apoderou-se dele por força das armas. Verificou-se com espanto que o sino, içado na catedral, perdera a “fala”. A população de Ribafeita colocou-o de novo na igreja matriz, recuperando assim a sua primitiva voz.<sup>57</sup>

Embora rural, dispõe de saneamento básico e água potável, em rede pública, bem como transportes públicos durante as horas do dia.

Características da freguesia

De cariz católico muito profundo, a freguesia de Ribafeita ficou mais conhecida e rica por ali ter ocorrido o nascimento e a morte de Madre Rita Amada de Jesus, fundadora da Instituição religiosa Jesus Maria José, beatificada em 2006, a quem o povo católico pede santuário para rezar.<sup>58</sup>

Cariz católico

Em Ribafeita encontram-se várias casas ricas de épocas passadas e modernas como moradias de férias para filhos da localidade, residentes no estrangeiro – pelo que no Verão a densidade populacional observada é naturalmente mais densa, com o regresso destes emigrantes à Terra Natal.

Da cozinha tradicional da freguesia de Ribafeita destacam-se inúmeros pratos típicos: bacalhau à lagareiro, bacalhau com broa, bacalhau frito com pimentos, vitela, cabrito ou borrego assados no forno de lenha, arroz de cabidela, cozido à portuguesa com carnes do fumeiro, sardinha assada no forno, bola de sardinha, bola de vinho de alhos, feijoada de coelho e caldo de nabos com broa.

Cozinha tradicional

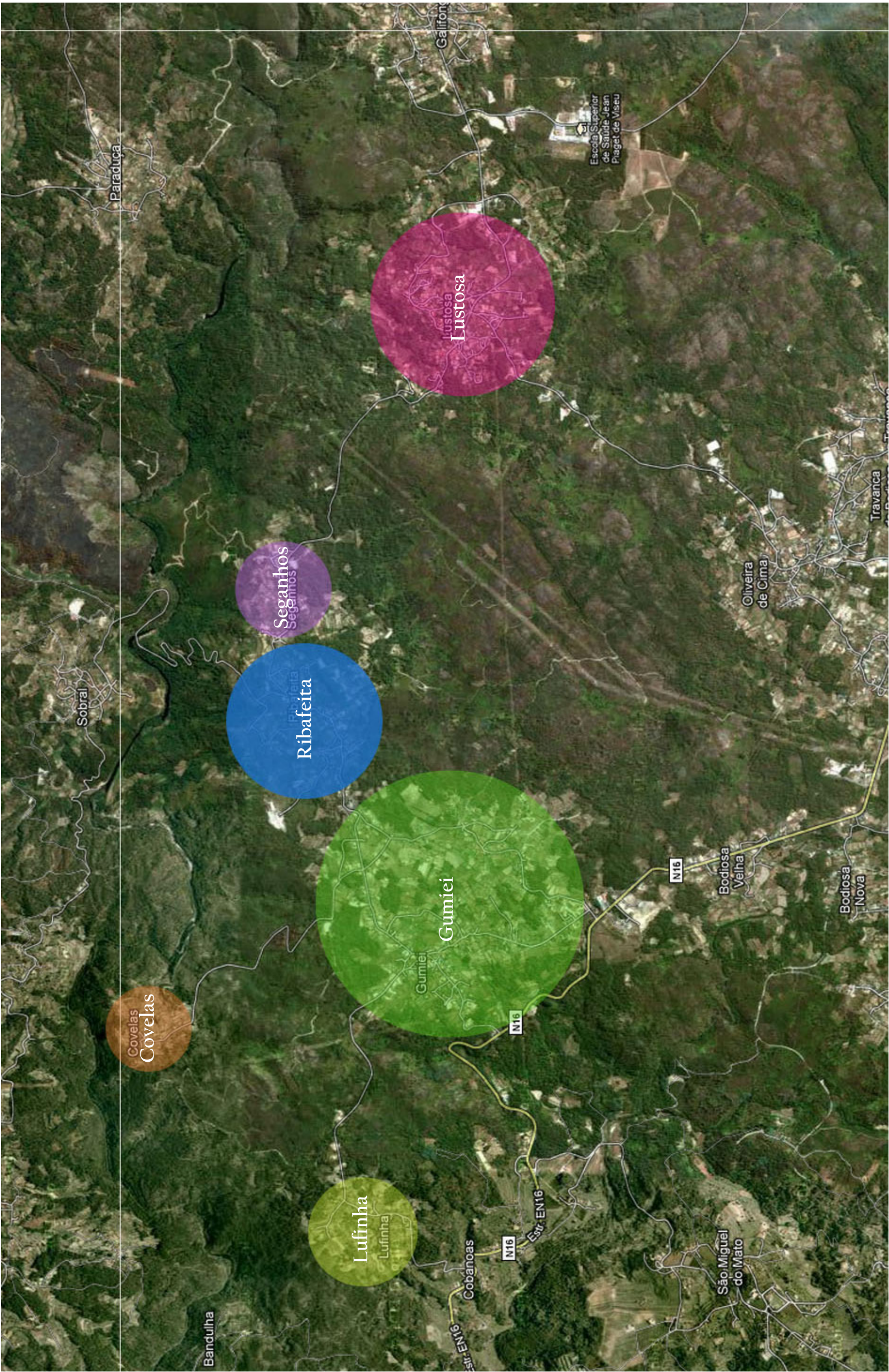
Estes pratos regionais podem ainda ser saboreados com o famoso vinho da região demarcada de Lafões. Na

Região Dão Lafões

<sup>57</sup> <http://www.jf-ribafeita.pt/afreguesia/historia.html>; acedido em 24/05/2012.

<sup>58</sup> Gabinete de Projecção e Divulgação das Culturas de Portugal; CD-ROM “Portugal Século XXI - Viseu, O Nosso País”; Matosinhos, 2001.





020\_Distribuição das sete povoações da freguesia de Ribafeita<sup>39</sup>

<sup>39</sup> Imagem disponível em [www.maps.google.com](http://www.maps.google.com); accedido em 21/11/2011.



doçaria regional destaca-se o leite creme, o pão-de-ló, o bolo de São Bento, fritos de abóbora, fritos de cevada, rabanadas, aletria com ovos e muita canela e creme de água.

A grande riqueza de Ribafeita está na paisagem ladeante do Rio Vouga que, de forma harmoniosa, desperta o olhar de quem o procura. Apresenta cascatas verdejantes que descem suavemente até às águas límpidas desse mesmo rio que, devido à elevada altitude, provoca uma enorme força motriz, movendo potentes turbinas na central hidroeléctrica, fornecedora, desde há muitos anos, de electricidade à cidade de Viseu. O rio Vouga tem nesta Freguesia duas barragens: a que alimenta uma mini-hídrica em São Pedro do Sul e outra que alimenta uma central eléctrica na Freguesia.

Rio Vouga

O sector predominante na freguesia é o sector primário. Parte dos habitantes da freguesia de Ribafeita dedicam-se à agricultura produzindo milho, feijão, batata, vinho, o mel e castanhas. A produção de azeite também é habitual, existindo um lagar na Freguesia. A criação de gado também é comum entre os agricultores.

Desenvolvimento económico

É ainda de destacar, no sector secundário, algumas indústrias, designadamente de carpintaria, alumínios e artefactos de cimento. Noutros tempos houve uma mina de Volfrâmio e outra de Estanho. A Freguesia de Ribafeita foi um pólo predominante de artesanato, desde os ferros forjados, à cestaria, tanoaria ou latoaria, mas que não ficou indiferente à crise das actividades artesanais. Nos tempos que correm, surgiu na área artesanal, um novo capítulo, com o trabalho de várias senhoras que, em áreas que lhes são peculiares,





Igreja matriz



Igreja



Centro de dia da freguesia



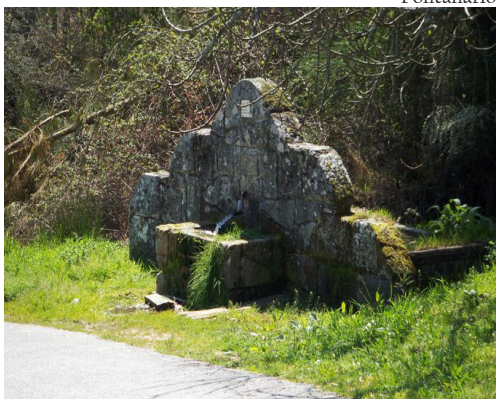
Tanque para lavar a roupa



Casa típica de Ribafeita  
Fontanário



Ruínas  
Fontanário



021-028\_Algunas fotografias da freguesia de Ribafeita<sup>60</sup>

<sup>60</sup> Fotografias disponíveis em <http://www.jf-ribafeita.pt/afreguesia/ribafeita.html>; acedido em 24/05/2012.

estão a ocupar uma área bastante curiosa, como as rendas, os bordados, os arranjos florais ou a pintura.<sup>61</sup>

No sector terciário, e na área do comércio, a freguesia possui alguns estabelecimentos de comércio alimentar a retalho, nomeadamente mini-mercados, cafés e restaurantes.

As atracções desta freguesia são o seu vasto património e as deslumbrantes paisagens. Destacam-se várias Capelas, Fontenários e Alminhas. Destacam-se também várias casas centenárias e uma ponte romana sobre o Rio Vouga, em Covelas, que fazia a ligação entre Viseu e Porto pela antiga estrada Romana. O património arqueológico representa assim uma das grandes atracções da localidade.<sup>62</sup>

#### Atracções locais

**1. Santa Bárbara, Ribafeita.** Situadas junto à capela de Santa Bárbara, existem sete pequenos rochedos com insculpturas. Os motivos que se reconhecem são as espirais e um par de pegadas. Há ainda um outro motivo, não identificável, parecido a um zoomorfo.

**2. Penedo do Gato, Ribafeita.** Penedo com várias insculpturas em que predominam as pegadas, de vários tamanhos. Destruído, em parte, pelos caçadores de tesouros. O nome, Penedo do Gato vem da sua semelhança a um felino deitado.

**3. Pedra da Lufinha, Ribafeita.** Conhecida como “Pedra da Cobra”, certamente devido às espirais ali gravadas. São dois penedos que antes deveriam constituir um só e têm gravados vários motivos, nomeadamente um labirinto, espirais e um reticulado.

**4. Lagareta dos Mouros, Seganhos.** Este monumento arqueológico fica localizado na localidade de Seganhos, caminho da Boca, que dá ligação ao canal da Central Hidroeléctrica. É constituído por um pio de cerca 1,5m2 e um canal central rectangular para escorrer os

<sup>61</sup> <http://www.jf-ribafeita.pt/afreguesia/freguesia.html>; acedido em 20/05/2012.

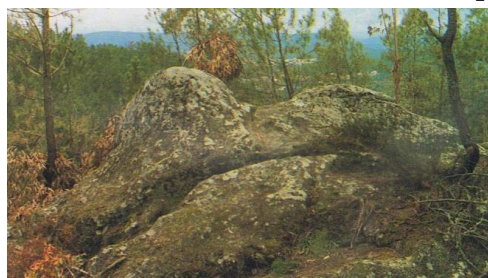
<sup>62</sup> PEDRO, Ivone; L. João; VAZ, Inês; ADOLFO, Jorge; Roteiro Arqueológico da Região de Turismo Dão Lafões; 1ª Edição: Viseu, 1994.



1



2



3



3



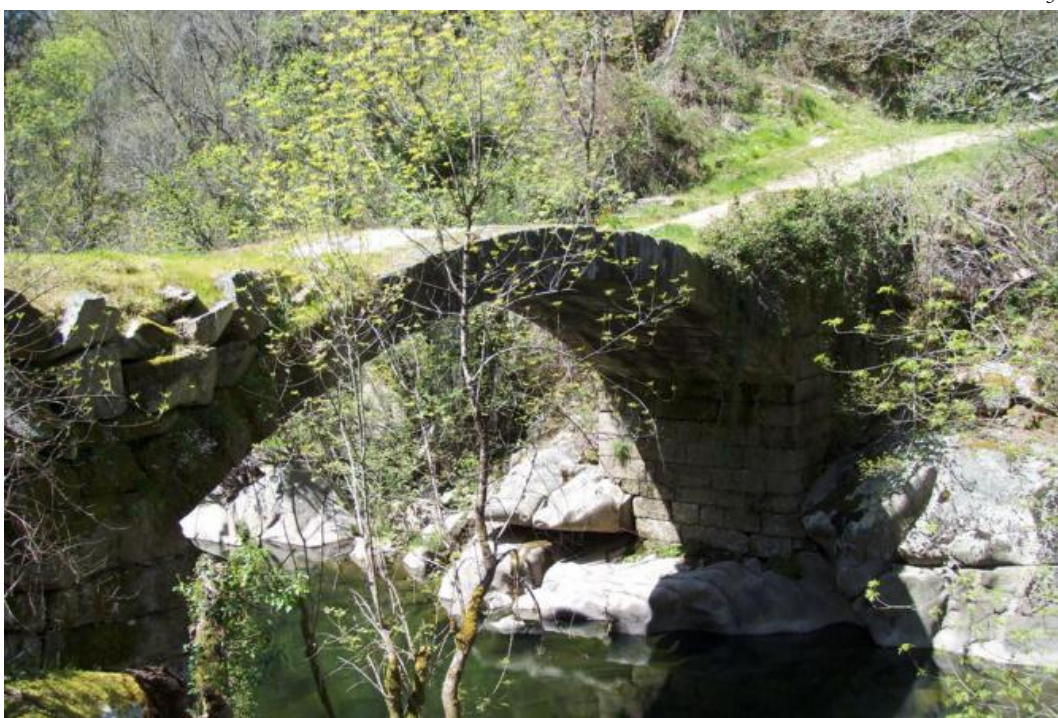
4



4



5



029-035\_Fotografias - Património arqueológico observado na freguesia de Ribafeita.<sup>63</sup>

<sup>63</sup> Imagens disponíveis em: PEDRO, Ivone; L. João; VAZ, Inês; ADOLFO, Jorge; idem.

líquidos. Também ligado a este pio, estava uma outra estrutura, da qual temos apenas o círculo encostado ao pio onde seriam esmagadas as uvas.

**5. Ponte Romana de Covelas.** Situada na povoação de Covelas, permitia a ligação entre as duas margens do rio Vouga. Actualmente apresenta só a parte inferior, constituído por um arco em pedra, uma vez que a parte superior foi arrastada pelas cheias.

Situado no caminho que guia o centro da vila à Igreja da Freguesia, edificado que constitui a Quinta d'Avó é composto por 5 casas geminadas e uma casa 'mãe', que remonta aos anos de 1930, quando por ali ainda se fazia sentir o cheiro da madeira aliada à pedra nas construções.

O edificado da  
Quinta d'Avó

Hoje em dia o cenário mudou e aliada à pedra e à madeira [maioritariamente deteriorada] que ali perduraram, observam-se um conjunto de intervenções, fracassadas, que apenas contribuíram para a deterioração, não só física, mas também visual, do local.

O edificado compreendia inúmeros espaços de diversas funções, [ainda que habitação fosse a maioria] como é exemplo a sala do moínho – actualmente fora de função mas com todo o equipamento preservado; um alpendre que servia uma carpintaria de grandes dimensões; currais para a guarda de animais; diversos pátios, que acolhiam a criação de animais como galinhas e coelhos; terraços; uma adega tradicional, com um lagar; diversos espaços de hortas, para a cultura de leguminosas e árvores de fruto; e ainda uma área considerável de jardim. O limite do edificado perfaz uma área de aproximadamente 2000m<sup>2</sup>.





Casa-mãe [alçado Sul], jardim e horta



Vista do terraço da Casa-mãe



Entrada - Garagem e Currais



Casa-mãe [Alçado Norte]



Entrada - Carpintaria



Casa-mãe vista do terreno inferior

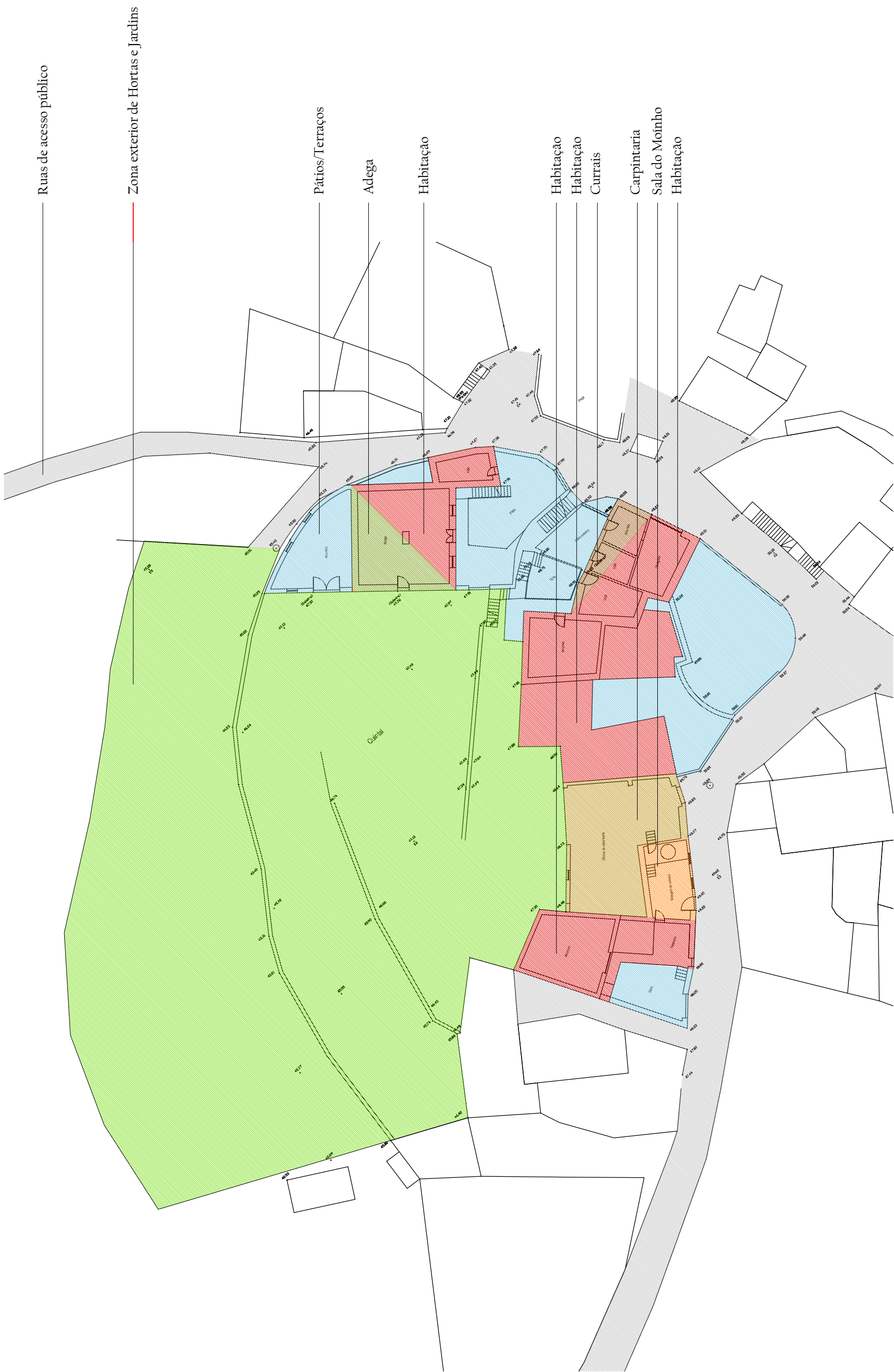
Entrada - Casa dos Caseiros

Entrada principal



Segundo o panorama observado, o objectivo deste trabalho não passará por estudar uma reabilitação física do edificado mas sim perceber como é que se pode revitalizar este lugar, compreendo aquilo que está a mais e que nesse sentido prejudica o lugar; e no sentido inverso, perceber o que é essencial manter, que transmita sem rodeios a idade do edificado.

Assim, procura-se tomar uma atitude nesse mesmo sentido: dotar o espaço com o que lhe falta e retirar-lhe o que o prejudica.





### 3.2. A VIABILIDADE DO PROJECTO

Do desejo de transformar a realidade referida surge a necessidade de procurar um conceito que sirva de guião à atitude que se pretende assumir.

Nese sentido, a procura desse conceito deve ser consciente e ter em conta diversos factores internos e externos ao projecto (abordados anteriormente no presente trabalho). Deve ter uma base forte e solidificada que sustente a viabilidade do projecto e que, posteriormente, se reflectirá na qualidade do projecto e na sua adequação ao meio envolvente.

Existem dois objectivos principais que se querem cumprir através do conceito que se encontrará para o lugar: a rentabilização do lugar e a revitalização dos espaços que o compõem. Com efeito, estas duas premissas podem funcionar complementarmente e foi nesse sentido que se elegeu o turismo, enquanto actividade, por excelência, de lazer, comunicação e animação, para sustentar com sucesso o desenrolar desta transformação. De facto, o turismo levará novas pessoas a este lugar, rentabilizando o investimento que se aplicará no local e posteriormente, o funcionamento do equipamento projectado.

Procura do conceito

Turismo

Ao mesmo tempo que se pensa que levar turistas ao local poderá ser a solução para a revitalização que se procura, sabe-se também que é necessário perceber se há razões que leve o turista a descolar-se a este lugar. Acima de tudo, é necessário compreender que factores poderão estar na origem dessa deslocação.

O mais forte desses factores será o contacto com o meio rural.

Meio rural





∞

“[...] representação do campo [...] como símbolo de liberdade, paisagem, beleza e saúde, tem dado origem à emergência de novas procuras e comporta potencialidades que podem e devem ser aproveitadas a favor do mundo rural.”<sup>64</sup>

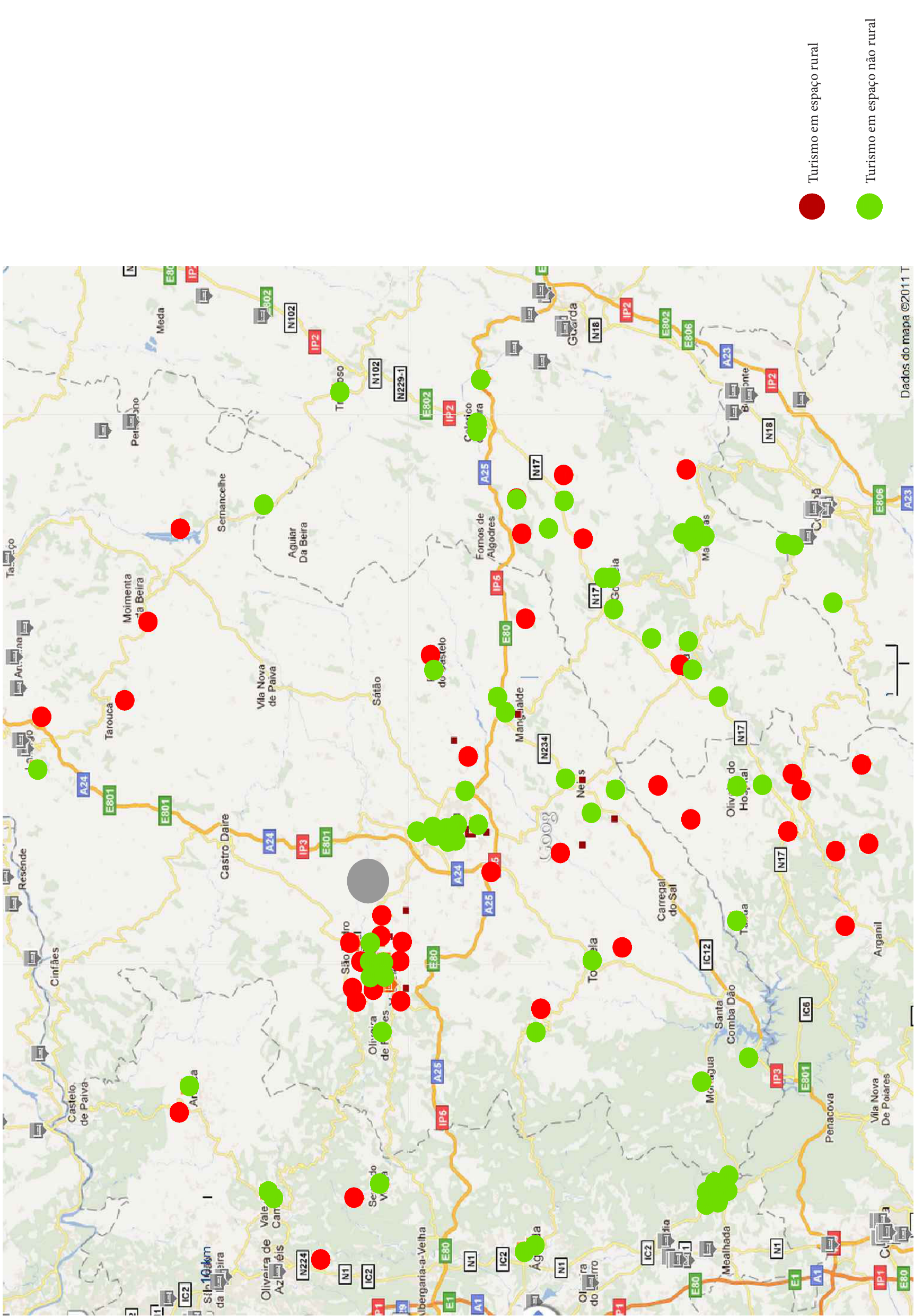
∞

Actualmente, face às exigências da vida na cidade e ao mundo globalizado, as ideias que se controem sobre o quotidiano no espaço rural tendem a ser aliciantes pelo contacto com a Natureza e com as culturas tradicionais, traduzindo-se numa revalorização social do rural e do local. As pessoas movimentam-se na busca do singular, do específico e do autêntico e o meio rural, ganha, por este meio, um crescente valor simbólico. É na representação do meio rural como locais de liberdade, tranquilidade, beleza, segurança e saúde que o turista citadinho vê no meio rural um refúgio da sua vida urbana agitada. Consequentemente, o turismo no espaço rural significa para o turista uma experiência diferente do seu dia-a-dia. De facto, o lugar em estudo consegue oferecer esta experiência.

É desta forma que se encontra uma linha orientadora para o projecto: transformar este edificado familiar num local que possa servir indivíduos turistas que procuram um contacto intenso com o meio rural. É assim que se inicia a construção de um novo tema neste lugar.

Como referido anteriormente, é necessário testar este conceito, aprofundá-lo e perceber como é que um projecto de arquitectura poderá ser suficiente para aglomerar toda uma série de ideias que se pensam capazes de revitalizar um lugar.

<sup>64</sup>Mundo rural: Entre as representações (dos urbanos) e os benefícios reais (para os rurais); Artur Cristovão; 2002. In: Turismo Rural: Tendências e sustentabilidade; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002



É possível identificar uma série de tipos de turismo possíveis no meio rural. Procura-se aquele que se pensa mais adequado ao edificado em estudo, bem como à localidade em que se encontra.

Turismo no meio rural

**Turismo de Habitação.** O serviço de hospedagem de natureza familiar, prestado a turistas em casas antigas particulares que, pelo seu valor arquitectónico, histórico ou artístico, sejam representativas de uma determinada época, nomeadamente, os solares e casa apalaçadas.

**Turismo Rural.** Hospedagem prestado a turistas em casas rústicas particulares, utilizadas simultaneamente como habitação do proprietário, possuidor ou legítimo detentor e que, pela sua traça, materiais construtivos e demais características, se integram na arquitectura típica regional.

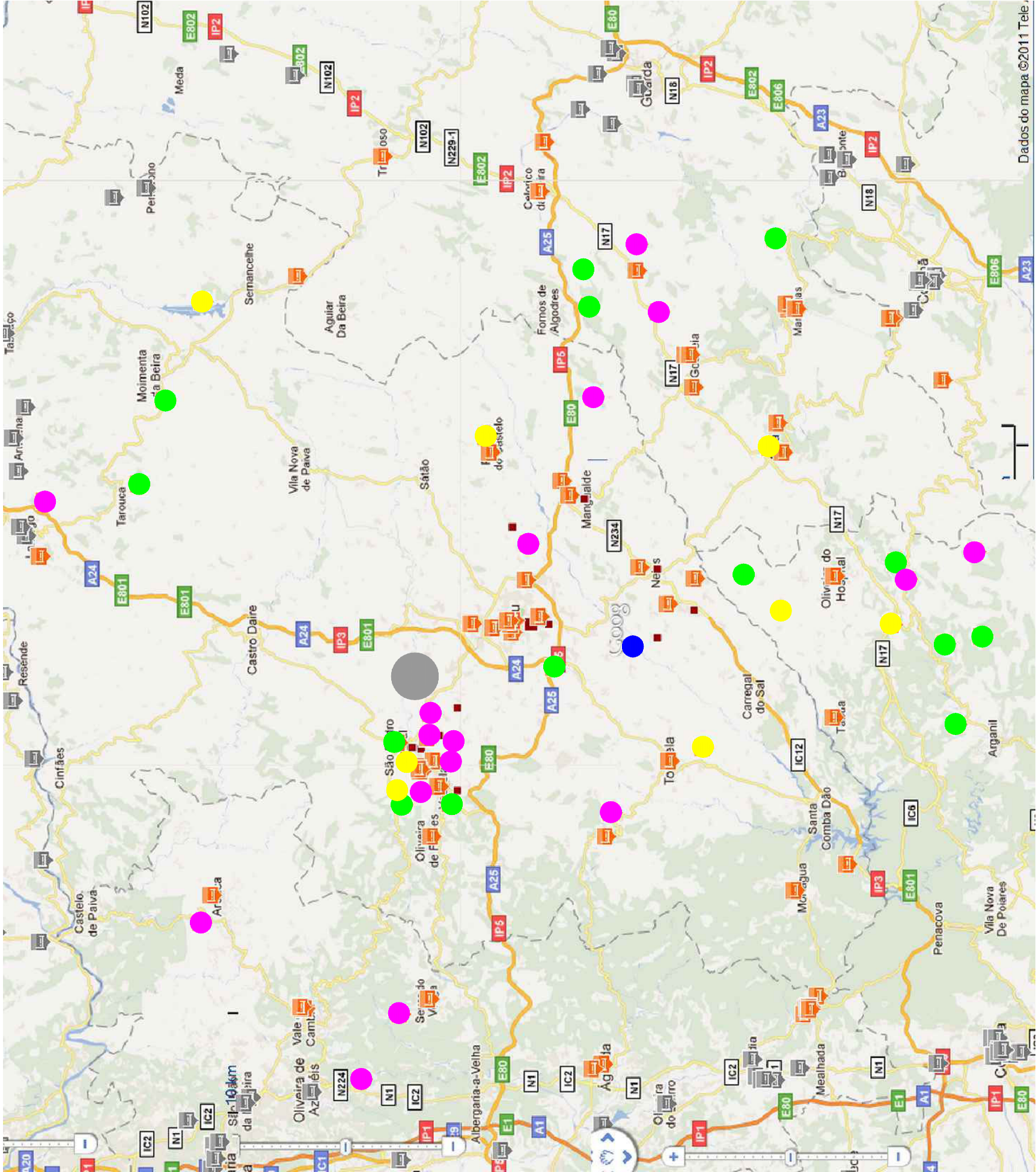
**Agroturismo.** Casas particulares integradas em explorações agrícolas e que permitam aos hóspedes o acompanhamento e conhecimento da actividade agrícola ou a participação nos trabalhos aí desenvolvidos, de acordo com as regras estabelecidas pelo responsável das casas e empreendimentos.

**Turismo de aldeia.** Empreendimento composto por um conjunto de, no mínimo, cinco casas particulares situadas numa aldeia e exploradas de forma integrada, quer sejam ou não utilizadas como habitação própria dos seus proprietários, legítimos possuidores ou detentores. Estas casas devem, pela sua traça, materiais de construção e demais características, integrar-se na arquitectura típica local. Deve ser explorado por uma única entidade, em aldeias históricas, em centros rurais ou em aldeias que mantenham, no seu conjunto, o ambiente urbano, estético, e paisagístico tradicional da região.

**Casas de campo.** Casas particulares e as casas de abrigo situadas em zonas rurais que prestem um serviço de hospedagem, quer sejam ou não utilizadas como habitação própria. Estas casas devem, devido às suas características e materiais de construção, integrar-se na arquitectura e ambiente rústico próprio da zona e local onde se situam.

**Hotéis rurais.** Edifícios que se podem ou não enquadrar na linguagem arquitectónica da região e que oferecem alojamento simples a turistas.





046\_ Análise dos vários tipos de turismo rural presentes num raio de 50km da cidade de Viseu.

Após a análise dos vários tipo de turismo no meio rural, reflectiu-se sobre alguns exemplos, destacando o que em cada um deles provoca a deslocação do turista ao seu espaço.

A Quinta das Lágrimas [<http://www.quintadaslagrimas.pt/>], em Coimbra, Portugal, famosa pela gastronomia regional fantástica e pelos 12 hectares de jardins que expõe para os seus hóspedes.

A Quinta das Lágrimas

A Maison de Réves [<http://www.maisondesreves.com>], e os seus hotéis de luxo: a Quinta da Romaneira, uma quinta tradicional portuguesa situada no coração de um vinhedo no vale do Douro, Portugal, reconhecida pela produção de vinho que partilha com os turistas que a visitam e ainda pelas inúmeras actividades que oferece relacionadas com a Natureza do local; e o Dar Ahlam, um Kasbah situado às portas do deserto a Sul de Marrocos, que apresenta um panorama local a partilhar com os turistas e que apresenta a possibilidade de alojamento em pleno deserto com o programa Le Campement.

Maison de Réves

O L'and Vineyards [<http://www.l-andvineyards.com>], e as suas suítes que representam um retiro luxuoso com vistas extraordinárias e o pequeno apreço da possibilidade de abrir totalmente o tecto do quarto e deixar que o céu do Alentejo, Portugal, invada o seu espaço.

L'and Vineyards

Os vários Solares de Portugal [[www.solaresdeportugal.pt](http://www.solaresdeportugal.pt)], com as casas antigas ou rústicas, as quintas e herdades e ainda os palácios que oferecem ao longo de Portugal e que possibilitam ao hóspede vivências distintas daquelas com que possivelmente estão familiarizados no seu dia-a-dia e que transpiram tradição, cultura, história e herança.

Solares de Portugal





Quinta das Lágrimas<sup>65</sup>



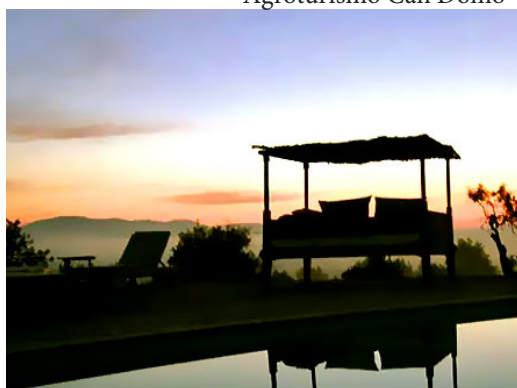
Quinta da Romaneira<sup>66</sup>



L'and and Vyneyards<sup>67</sup>



Solares de Portugal<sup>68</sup>



Agroturismo Can Domo<sup>69</sup>



Quinta do Burgo<sup>70</sup>

#### 046-051\_Imagens de hotéis de referência analisados.

<sup>65</sup> Imagem disponível em [http://www.quintadaslagrimas.pt/index.php?option=com\\_content&view=article&id=50&Itemid=57&lang=en](http://www.quintadaslagrimas.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=50&Itemid=57&lang=en); acedido em 17.05.2012

<sup>66</sup> Imagem disponível em <http://www.quintadaromaneira.pt/pt/hotel.php>; acedido em 17.05.2012

<sup>67</sup> Imagem disponível em <http://www.l-andvineyards.com/pt/>; acedido em 17.05.2012

<sup>68</sup> Imagem disponível em <http://www.solaresdeportugal.pt/PT/>; acedido em 17.05.2012

<sup>69</sup> Imagem disponível em <http://www.candomo.com/en/index.php?mod=hotl>; acedido em 17.05.2012

<sup>70</sup> Imagem disponível em <http://www.quintadoburgo.com/estrutura.html>; acedido em 17.05.2012

O Agroturismo Can Domo [<http://www.candomo.com>] situado na ilha de Ibiza, Espanha, procura partilhar, com os turistas que escolhem este lugar, uma alternativa ao turismo de praia habitual que se faz sentir na ilha, proporcionando aos hóspedes a oportunidade de contactarem com o meio natural em que se insere e oferecendo a possibilidade de self-catering que possibilita aos clientes o acesso a condições para cozinhareм as suas próprias refeições utilizando para isso os produtos cultivados e colhidos na própria Quinta.

Agroturismo Can Domo

No mesmo sentido, a Quinta do Burgo [[www.quintadoburgo.com](http://www.quintadoburgo.com)], a 7km de Braga, oferece a quem procura estadia no seu conjunto de casas tradicionais minhotas de caseiro, a conveniência de participar nas actividades agrícolas próprias deste espaço rústico, retirando disso uma verdadeira experiência no meio rural.

Quinta do Burgo

A decisão passa por perceber qual é o tipo de turismo que poderá melhorar o lugar em estudo e chega-se à conclusão que se procura um tipo de turismo que não aparece tipificado no vários tipos de turismo em espaço rural (TER). Procura-se um retiro rural, uma espécie de lugar onde o turista se pode refugiar e entrosar-se no modo de vida que se pratica nestes lugares – uma espécie de união entre o agroturismo e o turismo rural. E aqui a arquitectura tem a oportunidade de elevar a potencialidade do lugar e criar espaços dignos deste retiro que se assume como um refúgio do meio urbano.

Turismo na  
Quinta D'Avó

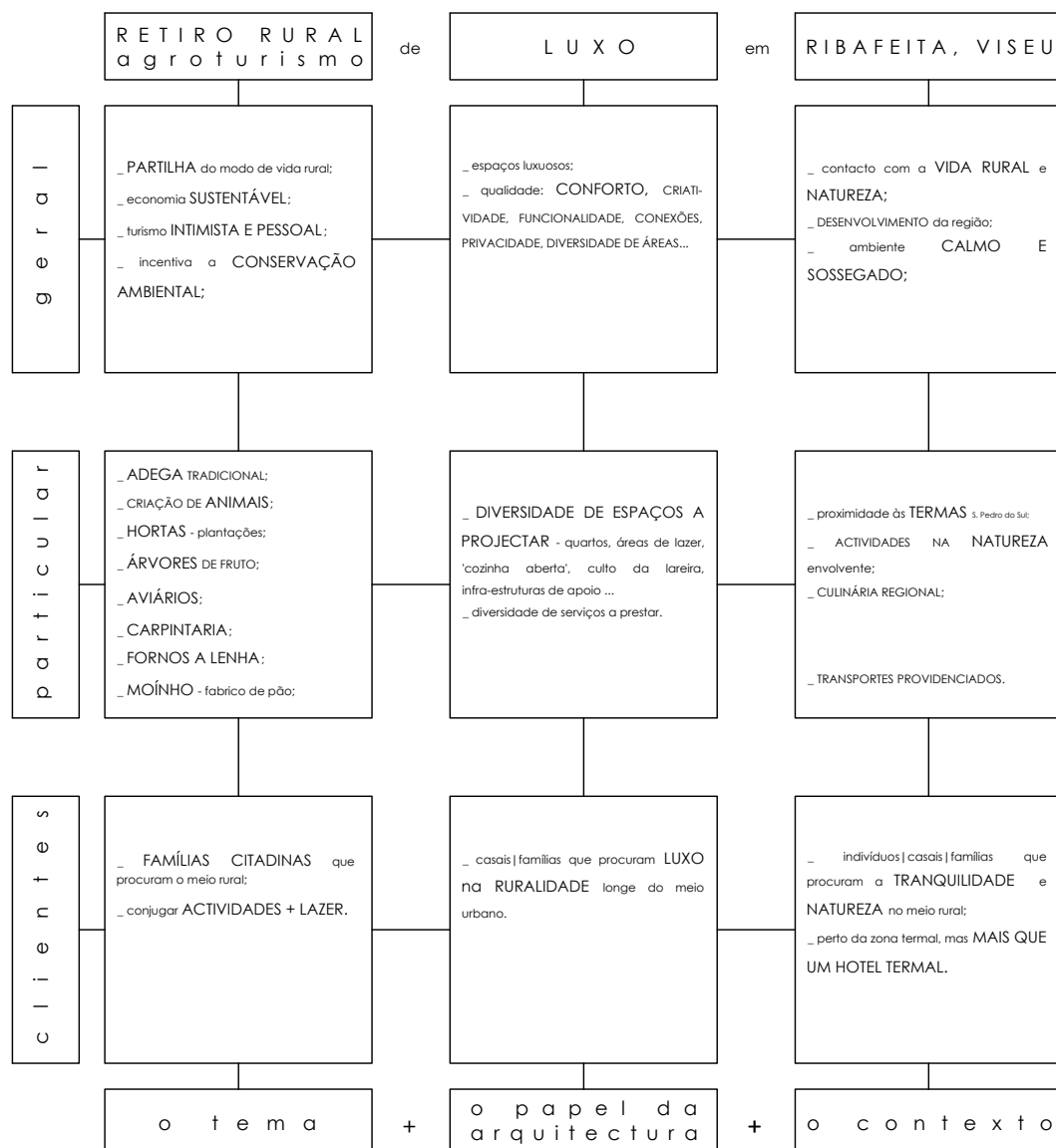
Contudo, receia-se que este contacto com o meio rural não seja um factor decisivo na tomada de decisão dos turistas no momento de escolha do seu destino – dada a oferta de TER que se pode observar em todo o país. A proximidade aos locais de interesse tanto na freguesia





como na região, analisados anteriormente pode constituir outro factor apelativo ao local, bem como a proximidade às Termas de S. Pedro do Sul.

Ribafeita dista 7km de S. Pedro do Sul - cidade famosa pelas suas magníficas termas - representa a maior zona termal do país, e por sua vez, o maior destino de turismo de saúde e bem-estar de Portugal.<sup>x</sup> Todos os anos, e em variadas épocas, milhares de turistas deslocam-se a esta cidade para relaxarem nas águas termais que aqui existem e isso faz com que o nível de procura de alojamento seja elevado. No entanto, o alojamento que S. Pedro do Sul oferece, carece de diversidade e qualidade, o que leva um determinado género de pessoas a procurarem outro tipo de alojamento - famílias citadinas que procuram aliar o relaxamento, encontrado nas águas termais da cidade, ao meio rural; indivíduos que procuram mais do que aquilo que um hotel termal oferece (o contacto com a Natureza e tranquilidade que o turismo rural tão facilmente partilha).



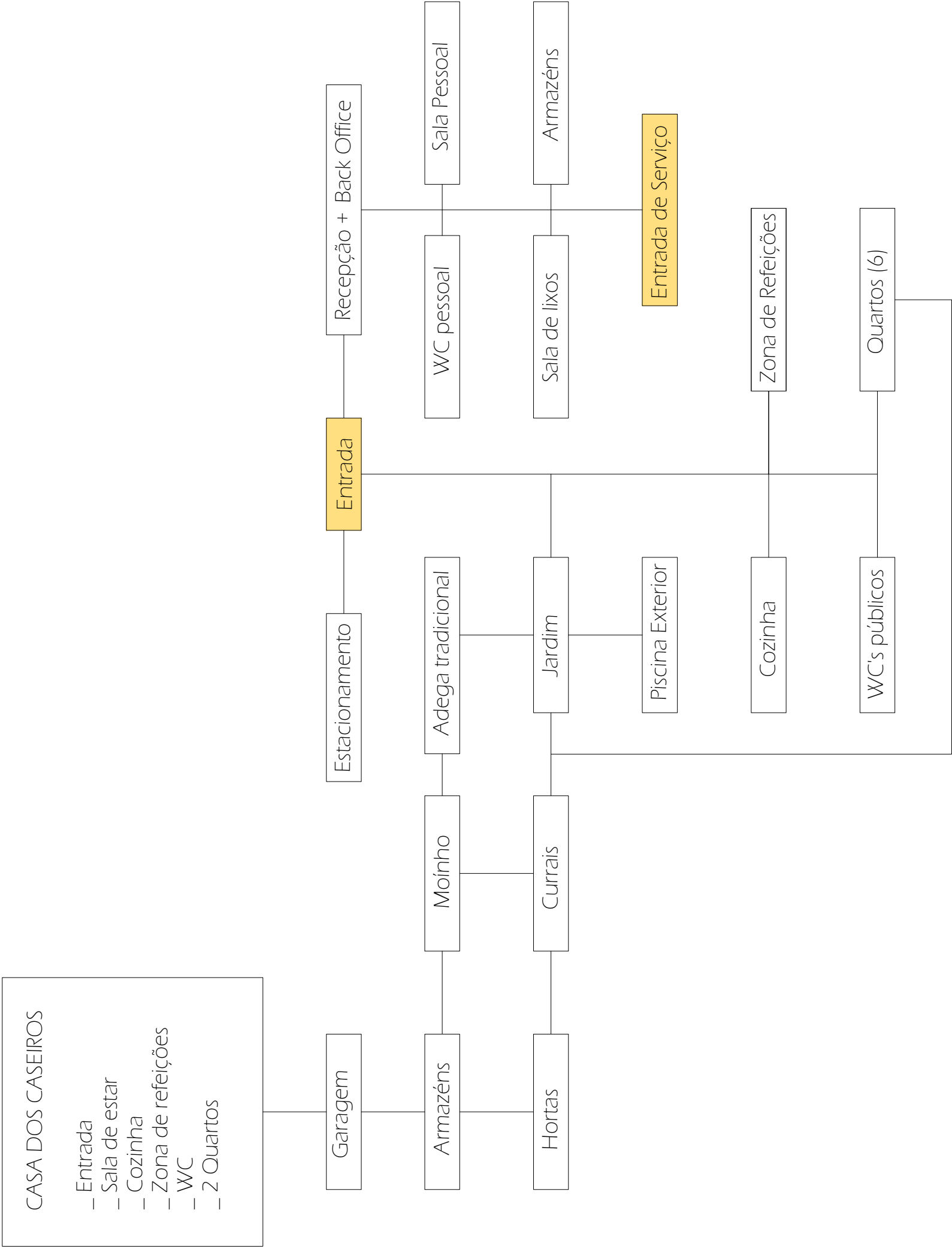
052\_Quadro 1: Análise estratégica do projecto Quinta d'Avó

Desta forma foi-se apresentando uma análise estratégica sobre o caso em estudo pois seria necessário perceber qual a preponderância do papel da arquitectura na transformação do lugar. Esta análise debruçou-se sobre diversos estudos essenciais para perceber as exigências da ideia a aplicar e testar a sua viabilidade. A arquitectura que se tenciona aplicar no local carece desses mesmos estudos na medida em que, do resultado destes, é possível a retirada de conclusões essenciais para o projecto de arquitectura, como é o caso dos espaços a projectar, bem como o perfil do cliente turista que irá frequentar os espaços projectados.

O projecto tornou-se económica e socialmente viável quando, anteriormente, se percebeu que:

- ∞ o turismo, enquanto agregador de pessoas na partilha do lazer, pode funcionar como um elemento revitalizador do espaço [que nos dias de hoje se encontra praticamente ao abandono] – estudo de oportunidade;
- ∞ o surgimento deste novo espaço na zona dedicado ao turismo pode proporcionar novas opções de alojamento para turistas frequentadores da região e, nomeadamente, das termas de S. Pedro do Sul – cenário possível;
- ∞ é possível transformar o edificado maioritariamente de carácter habitacional num retiro rural devido às características que o compõem e dado ao meio rural onde se insere - estudo de viabilidade;
- ∞ a nível de estudo concorrencial se admite que ainda não é conhecida a oferta de retiro rural na região – análise concorrencial;
- ∞ turistas que procuram um alojamento diversificado para além daquele que existe na região podem encontrá-lo aqui, na tranquilidade do meio rural – estudo do cliente tipo.

Desta forma, foi possível avançar com a elaboração do programa, num diagrama de relações entre os diversos espaços. Este programa está consciente de todas as premissas necessárias para um bom desempenho do projecto de arquitectura que se começa agora a desenhar.



## 3.3.

O PROCESSO  
DO PROJECTO.

“De um traço nasce a arquitectura. E quando ele é bonito e cria surpresa, ela pode atingir, sendo bem conduzida, o nível superior de uma obra de arte. Mas essa fase inicial exige por antecipação que o arquitecto se integre nos problemas tão variados do trabalho a executar. A natureza do terreno, o ambiente em que será inserida a construção, o sentido económico que ela representa, a orientação, etc. E somente depois de se inteirar de tudo isso é que ele começa a desenhar, fazendo croquis, na procura da ideia desejada.”<sup>71</sup>

Como sugere Óscar Niemeyer, com a análise cuidada efectuada anteriormente sobre os diversos pontos a considerar para a intervenção que se deseja concretizar, e ainda com a formalização do diagrama programático, chega-se ao ponto em que se está preparado para avançar na procura de uma estratégia de implementação.

Estratégia de  
implementação

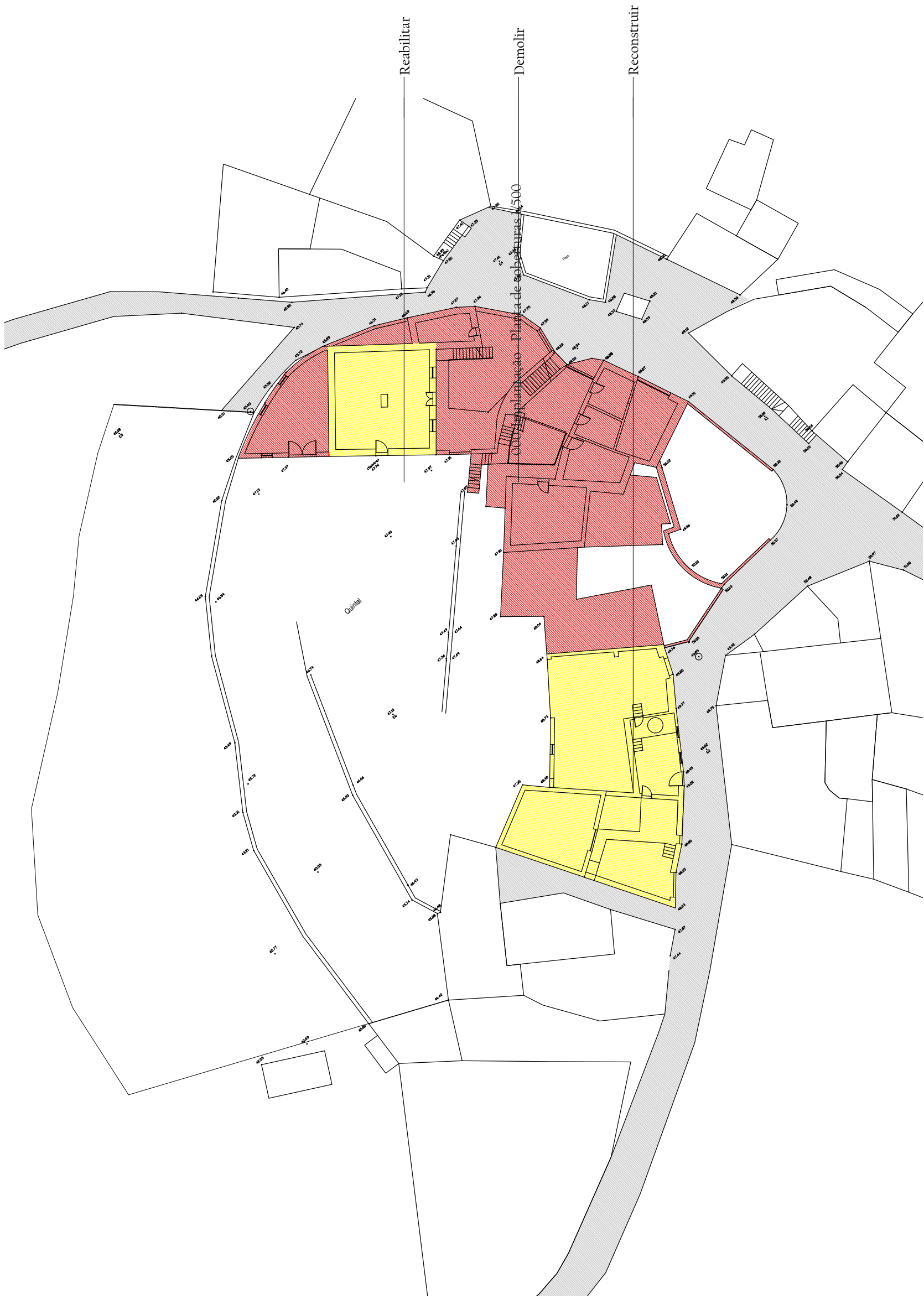
Pretende-se manter a condição rural que se sente no local - condição intrínseca à viabilidade do projecto.

Num contexto com pouca relevância arquitectónica, quer-se actuar no sentido oposto a essa regra que se observa e, portanto, procura-se contribuir com este projecto para uma importante transformação daquele lugar.

Neste sentido, observaram-se uma série de pequenas construções na zona de intervenção que em nada se adequavam ao restante edificado ali observado: por terem sido demasiadas vezes reconstruídas, ganharam uma linguagem desaqueada, desprovida de qualquer concordância com a restante envolvente. Além disso, a

Reconstruir  
Reabilitar  
Demolir

<sup>71</sup> NIEMEYER, Óscar; *Conversa de arquitecto*; Porto: Campo das Letras, 1997.



comunicação independente de cada um destes volumes revelava-se um desafio sem solução, provavelmente gerador de espaços limitadores de toda uma conjuntura projectual, interferindo directamente na leitura palpável do espaço. Por esta razão, foi tomada a decisão de os demolir, aproveitando no entanto a pedra original que ainda subsistia em algumas fachadas, para futuras construções no mesmo local.

Subsistiram assim dois núcelos principais, que, com a reabilitação necessária, recuperariam as suas estruturas originais: a 'casa mãe' e uma construção independente no canto oposto da zona de intervenção.

Dada esta atitude, surgem duas coisas de resolução simultânea: delimitar o espaço de construção da intervenção e definir o espaço público e o privado.

Espaço público

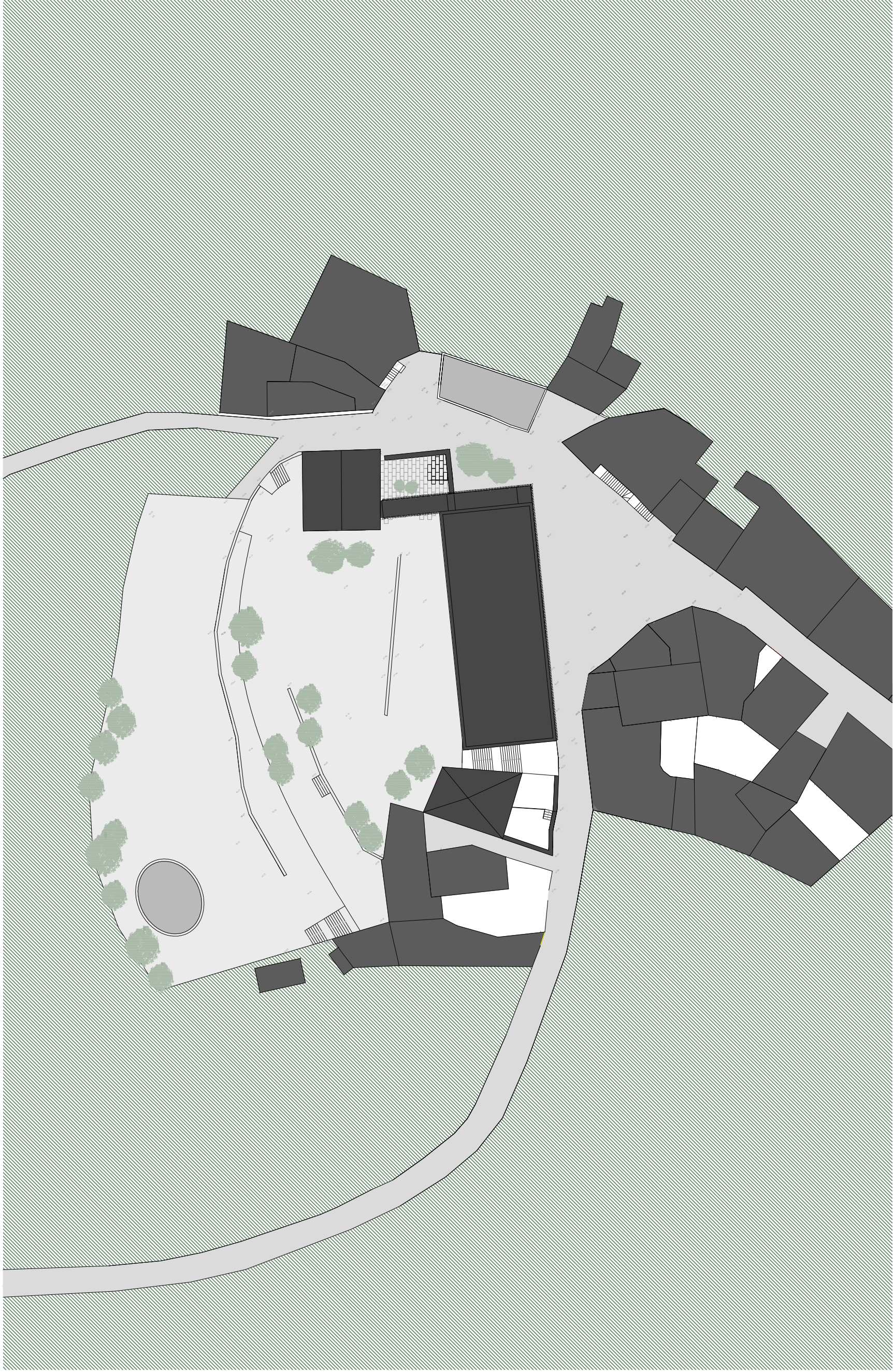
Espaço privado

O espaço demonstrava-se assim, sem qualquer tipo de desenho que delimitasse o espaço público do privado. Era necessário pensar este problema como uma factor que valorizasse o local. Num lugar onde os passeios são inexistentes, e a porta principal de cada casa tem o seu acesso feito directamente pela rua, tenta-se manter a mesma linguagem mas de uma forma cuidada e estruturada.

A 'chegada' a este local não existia. Era apenas mais um aglomerado de casas que, como referido anteriormente, tinham a sua porta no limite preciso da rua. E face a este panorama quis-se oferecer espaço à rua dado que a chegada, enquanto espaço de recepção por excelência, era importante no programa que se está a desenvolver. Assim, alargou-se a curva sinuosa que fazia frente ao terreno

A chegada





e desenhou-se uma pequena praça que viria a albergar num dos seus limites, o estacionamento para sete carros.

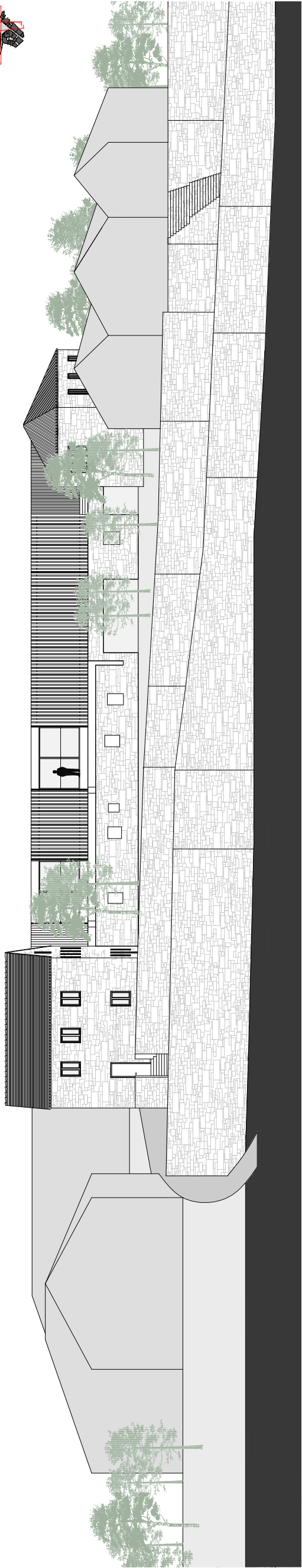
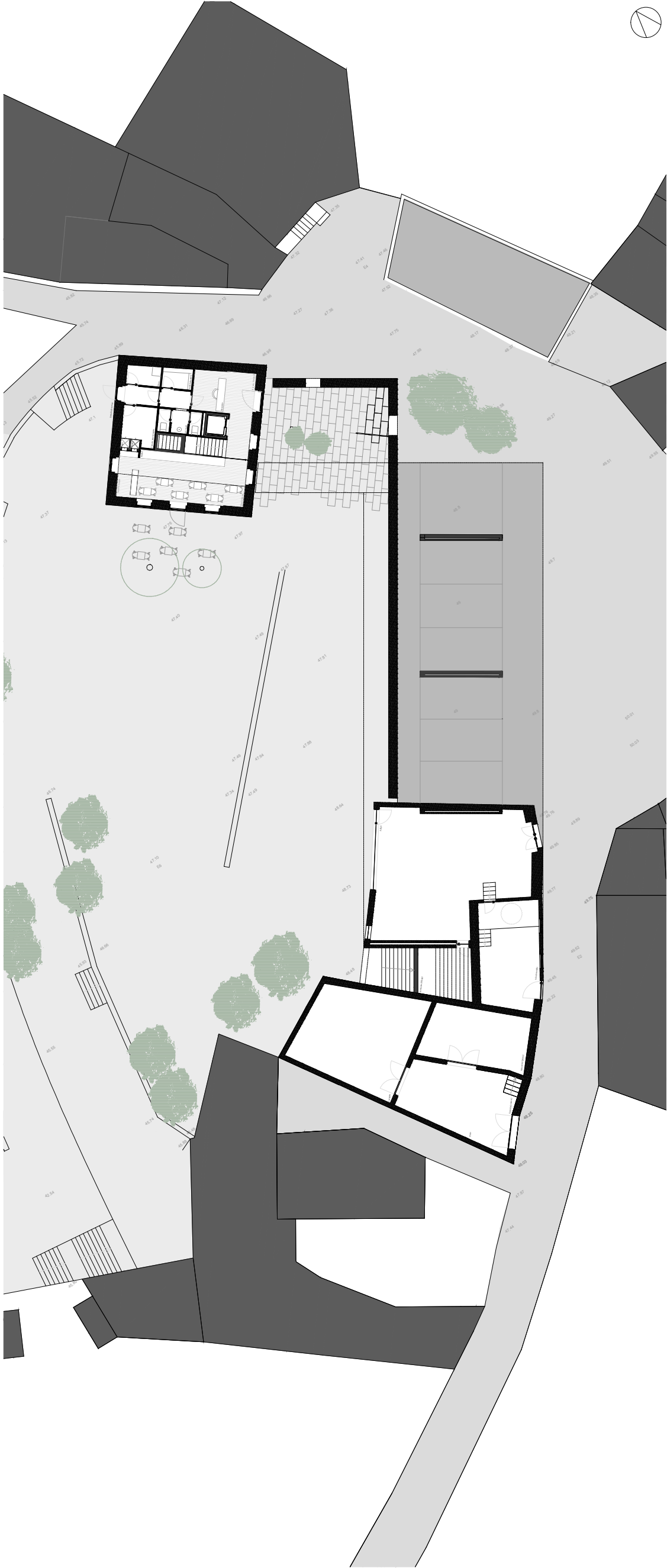
Contribui-se para o desenho de uma outra praça, mais pequena, e esta sim, completamente pública mas que, pelo seu carácter rural imenso, nos obrigou a trabalhar sobre ela. Com uma pequena fonte que abastecia a freguesia de água e três poças onde as mulheres lavam frequentemente a roupa e onde as crianças mergulham no Verão, quis-se aproveitar esta demonstração da vida rural. Por essa razão, este espaço agora conectado com a praça que pontuou a rua, abre-se para esta e transforma-a num lugar onde agora se respira e caminha sem a sinuosidade que as fachadas das casas demolidas lhe conferiam anteriormente.

Estas duas praças foram desenhadas com a ajuda da construção de um muro com 2,10m de altura (com pedra granítica proveniente das construções demolidas previamente). No entanto, este muro não surgiu unicamente por esta razão. Havia uma atitude que se desejava transmitir neste projecto – que o utilizador não tivesse uma percepção imediata do local à chegada, nomeadamente da paisagem que o rodeia, no limite Oeste da zona de intervenção [vontade que mais tarde se expande até à entrada no quarto]. Este muro assumia-se então como uma barreira não só entre o público e o privado, mas também visual - filtrando o contacto do observador com o restante terreno (através de rasgos colocadas em posições deliberadas e estratégicas).

Barreira visual

Íntrínseco ao funcionamento de qualquer 'hotel' está a privacidade.

Privacidade



053\_Planta do rés-do-chão, esc: 1/300

054\_Alçado a a' (Poente), esc: 1/300

Neste sentido desenhou-se um volume paralelepípedo que viria a albergar os quartos, e que por essa razão, se eleva do chão. O volume viria assim a unir os dois núcelos pré-existentes - no extremo Sudoeste assentava na pré-existência e na ponta oposta unia-se à casa mãe através de um braço com dezoito metros de comprimento por dois metros e meio de largura, e uma rampa de seis por cento de inclinação – num percurso exterior em galeria.

União entre a pré-existência

Por baixo deste volume, foi desenhado o espaço para o estacionamento, como referido, em contacto directo com a praça que recebia os hóspedes no local.

Estacionamento

Percebe-se então a necessidade de prever um percurso que estabelecesse a ligação entre a chegada ao estacionamento e a deslocação dos hóspedes até à recepção, que estava situada na casa-mãe, juntamente com o restante programa de carácter público do retiro.

Percurso de chegada

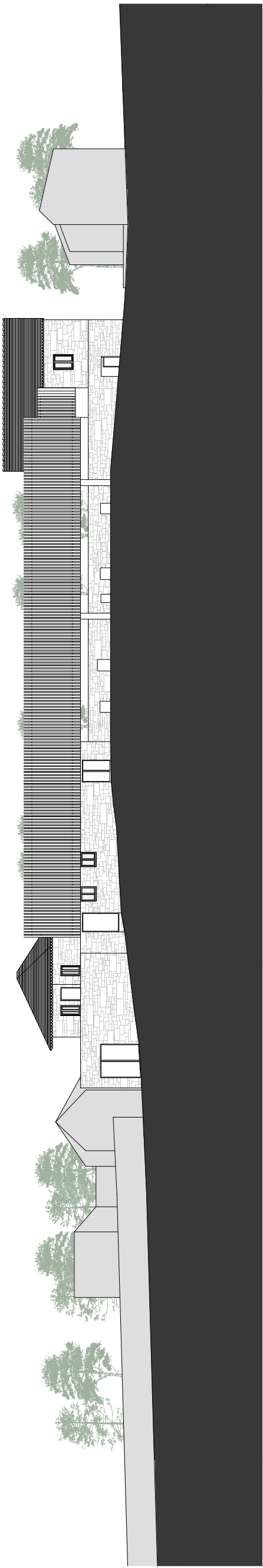
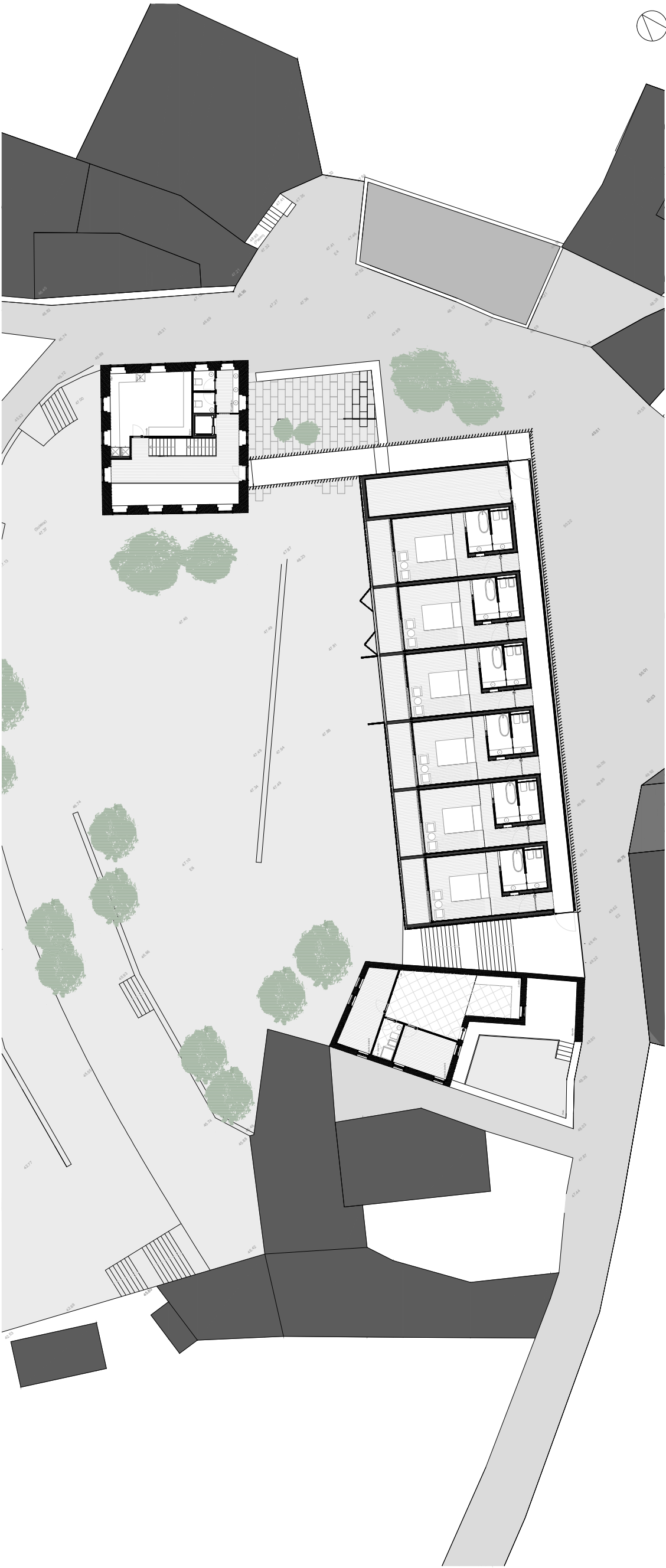
O próprio muro que delimita o espaço público exterior, desenha o percurso até à entrada pois contém as duas únicas aberturas que proporcionam as entradas para a Quinta d'Avó. Os rasgos no muro, que também oferecem luz ao estacionamento, adivinham uma abertura maior no seu desenlace. Após a quebra do muro, acontece uma segunda entrada/saída, sem diferenças de cota, prevenindo o acesso para pessoas de mobilidade reduzida.

Entrada

Feita a entrada na Quinta através da passagem pelo muro, o intervalo entre o mesmo e a porta de entrada na casa principal, permite a existência de um pátio que, limitado a sudoeste por hortas e jardins, redireccionam deliberadamente o olhar do utilizador. Foi neste sentido que

Pátio da entrada





055\_Planta do 1º piso, esc. 1/300

056\_Alçado b' (Nascente), esc. 1/300

se colocou a recepção no edifício principal do conjunto [a casa mãe]: pela sua localização privilegiada num local mais afastado da rua principal e pelas poucas janelas que a casa abre para o exterior, torna-se um ponto chave na obstrução do contacto visual que se pretende filtrar.

Este elemento principal acolhe também (como referido previamente) as restantes zonas comuns que o programa exige - casas de banho comuns, zona de refeição, respectiva cozinha com apoio de uma copa, compartimentos de depósitos de lixo e armazenamento de alimentos, monta-cargas e zonas para o staff. Por ser o elemento icónico do edifício, o mais característico da arquitetura da zona, pensou-se que seria o local ideal para acolher este programa comum a todos os hóspedes, uma vez que pela sua linguagem se destacaria como a “casa mãe” [expressão correntemente utilizada em quintas, onde há um edifício que claramente se destaca dos restantes] e nesse sentido, espaço de reunião por excelência.

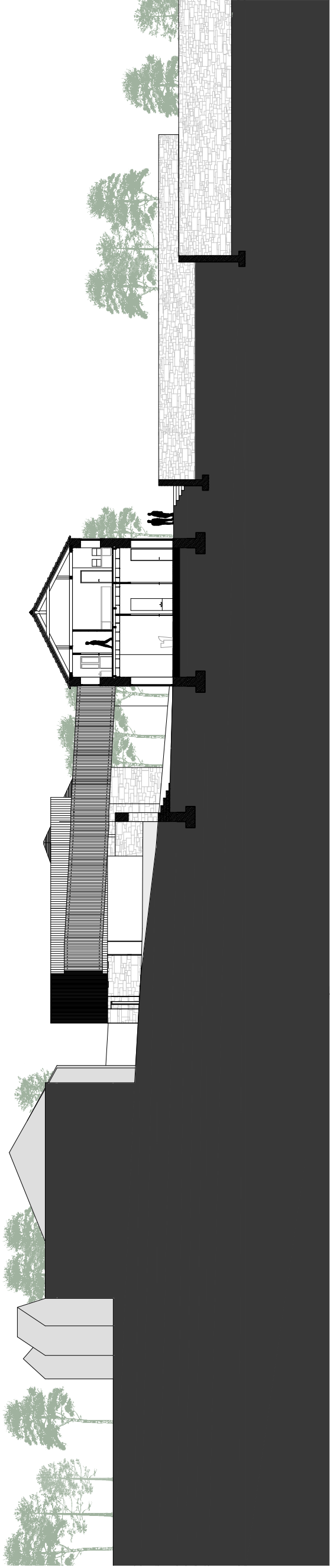
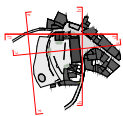
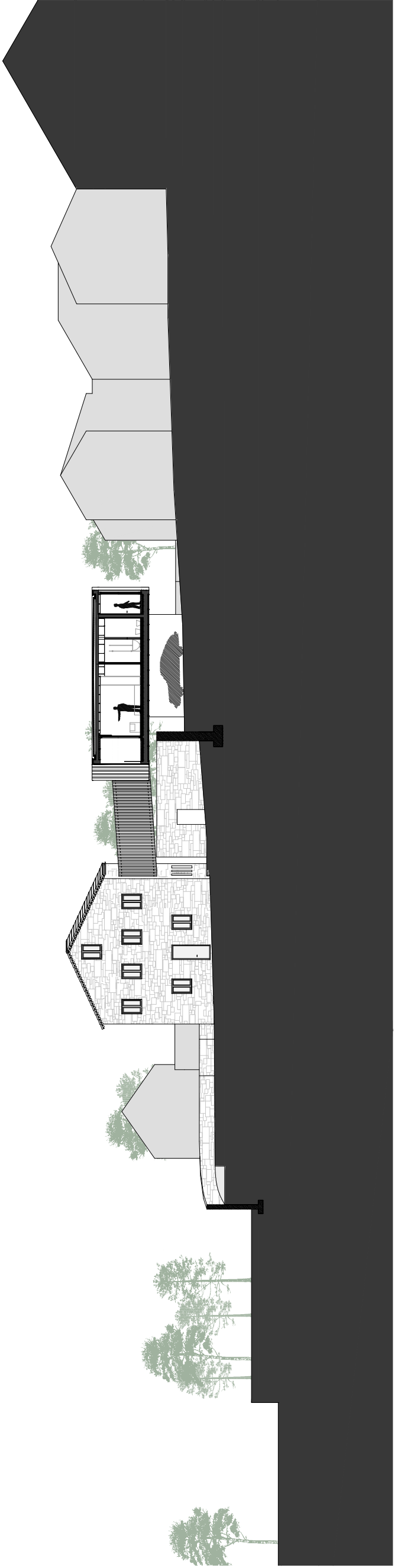
‘Casa-mãe’ -  
programa público

Neste volume a recepção mostra-se à entrada sem rodeios, enfrentando a porta de entrada - não é objetivo que o hóspede chegue e tenha a sensação de estar num local pequeno, tacinho, improvisado - quer-se exactamente o oposto: que este se sinta confortável neste retiro, numa agradável sensação luxuosa. Quando se fala de luxo, o espaço assume um carácter preponderante.

Recepção

Neste mesmo piso comum à recepção, encontram-se também os acessos ao piso superior, proporcionados por uma escada e um elevador com dimensões adequadas a pessoas incapacitadas. Numa zona mais recatada da agitação de que por vezes a recepção pode ser palco, encontra-se a zona de refeições, num contacto próximo

Zonas de refeições



057\_Corte c c', esc: 1/300

058\_Corte d d', esc: 1/300



com uma zona de refeições exterior. Por uma questão de logística, neste piso foi necessária a implementação de uma entrada de serviço que serve maioritariamente a cozinha através de dois elevadores monta-cargas (um para sujos, outro para limpos).

Entrada de serviço

Situada já no piso superior, devidamente desenhada de acordo com a legislação, a cozinha surge aliada às casas de banho comuns.

Cozinha

Após a passagem do programa comum presente na casa-mãe, o hóspede é então conduzido à galeria que fará a ligação aos quartos.

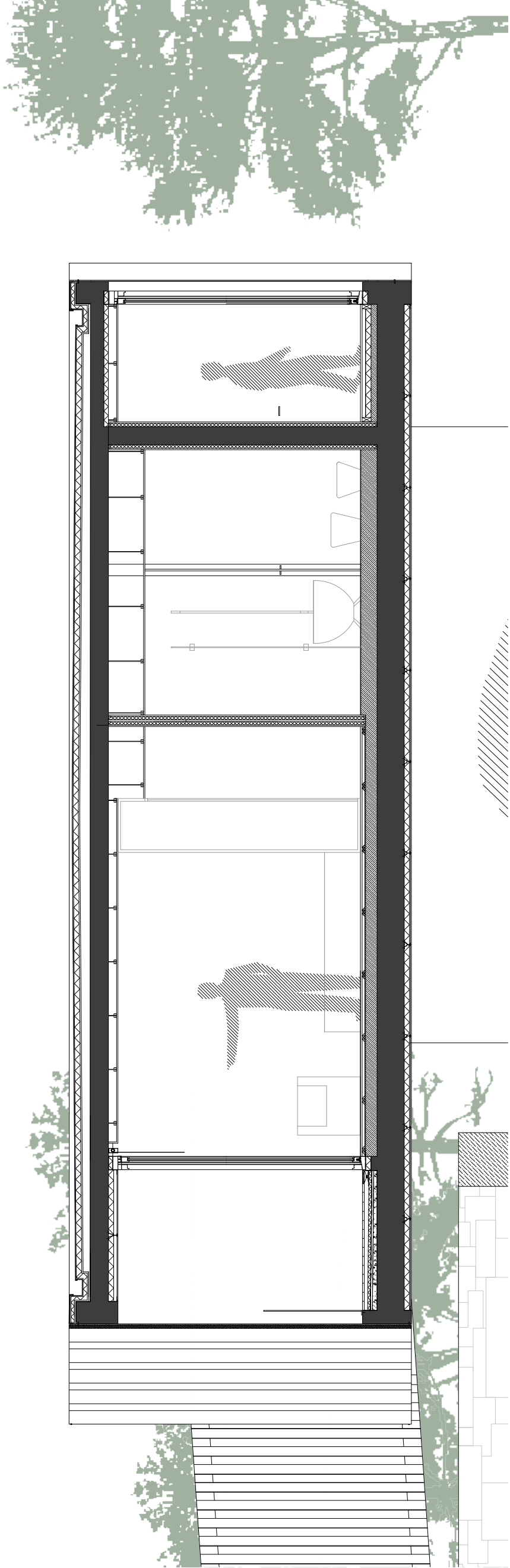
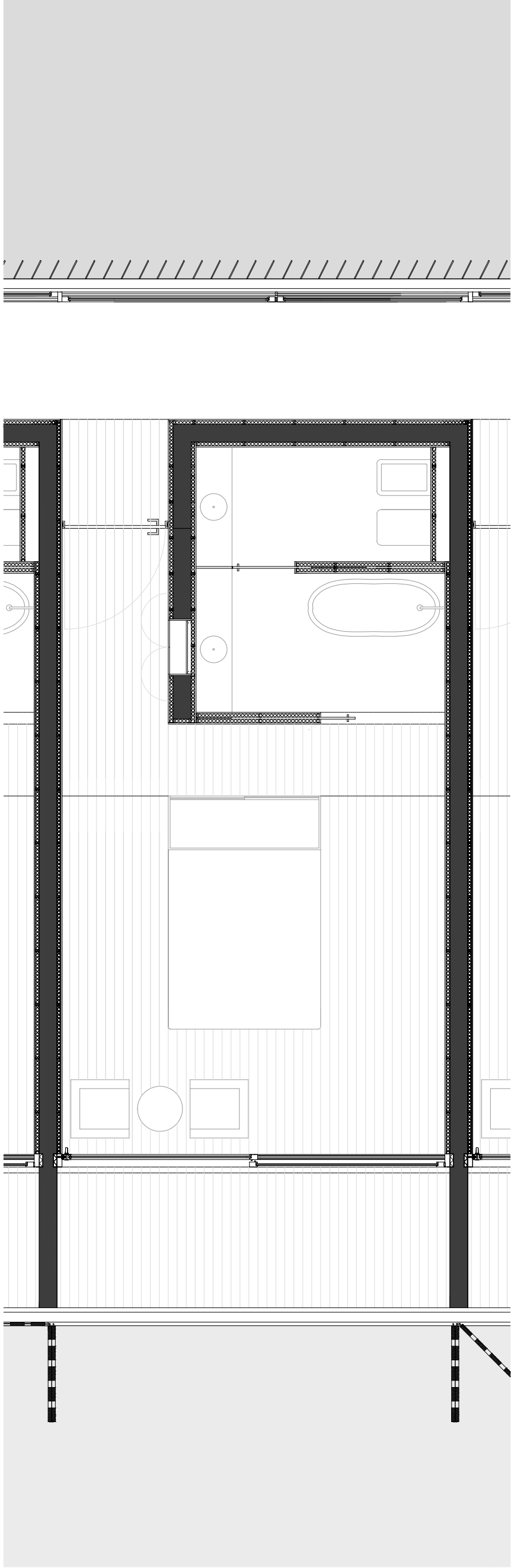
Quartos

Várias soluções foram analisadas para a localização dos quartos - mas houve uma que predominou: a inclusão dos quartos no novo volume que se tinha desenhado para o local (pela sua localização privilegiada oferecendo a melhor contemplação da paisagem e também pela privacidade que poderia oferecer). Pensou-se também que os quartos poderiam acontecer em volumes individuais, afastados da casa mãe, como se de uma 'casa dentro de outra casa' se tratasse. Apesar da excelente privacidade que poderiam oferecer e pela possibilidade de estarem em contacto directo com a natureza, esta solução implicava uma massa de construção excessiva na zona de intervenção, bem como um custo exagerado, pois cada quarto seria um volume independente.

Estudo de soluções

O volume contém seis quartos, todos virados a poente, desafiando a paisagem emergente que parece querer invadir cada quarto.

No final, este volume é rematado por uma escada de emergência exterior (obrigatória por legislação) mas



059\_ Planta do quarto, esc: 1/50

060\_ Corte pelo quarto, esc: 1/50

que também proporciona o acesso directo à zona exterior de hortas e jardins do local.

O quarto surge como o colmatar do percurso do hóspede. Apenas quando este o atinge é que consegue finalmente ter uma perspectiva merecedora do local onde está. A cama surge no centro do espaço e apenas quando esta é alcançada, é que o utilizador tem o privilégio de estabelecer um contacto visual total e desimpedido com o local onde está hospedado. Acredita-se que todo este percurso cheio de barreiras visuais é compensador quando finalmente se alcança um ambiente merecedor de tal. Uma varanda faz também jus à paisagem circundante, onde os hóspedes podem descontraidamente relaxar, expostos, ou até protegidos (do calor) através das portadas contínuas que constituem o alçado Oeste do volume.

O quarto

A casa de banho acontece dividida em duas zonas (uma mais privativa) e outra onde a banheira, pela sua disposição, proporciona contacto visual com o exterior (garantindo ainda que a privacidade necessária), através de uma porta de correr que pode recolher totalmente.

No que se refere ao resto do programa, a casa existente no núcleo Sudoeste, reabilitada, irá suportar a habitabilidade de dois caseiros, gestores da Quinta. Os restantes espaços do volume receberão a adega (que previamente se situava na casa mãe, no seu piso térreo) e como acontece actualmente, a sala do moínho (onde prevalece diariamente o fabrico próprio de pão).

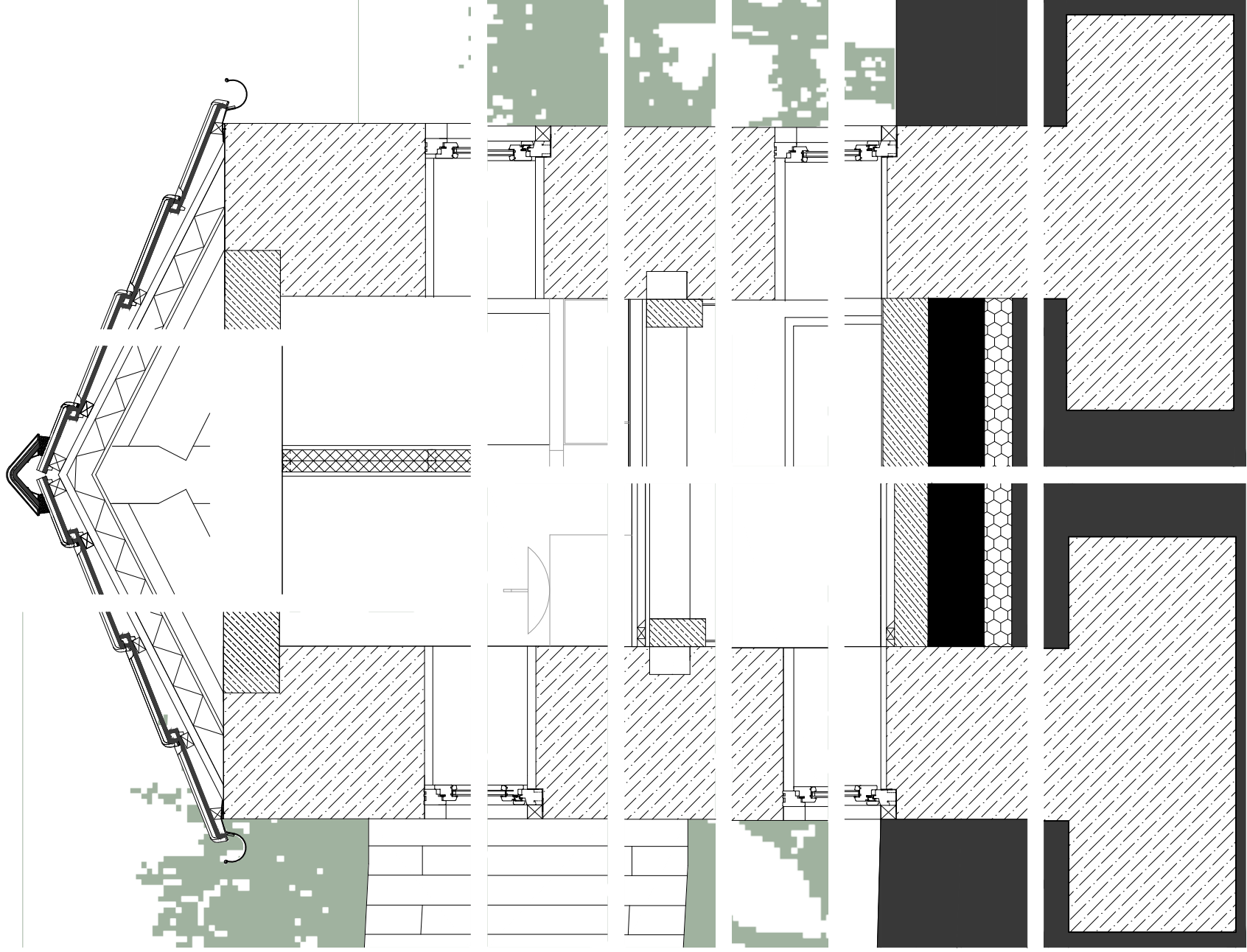
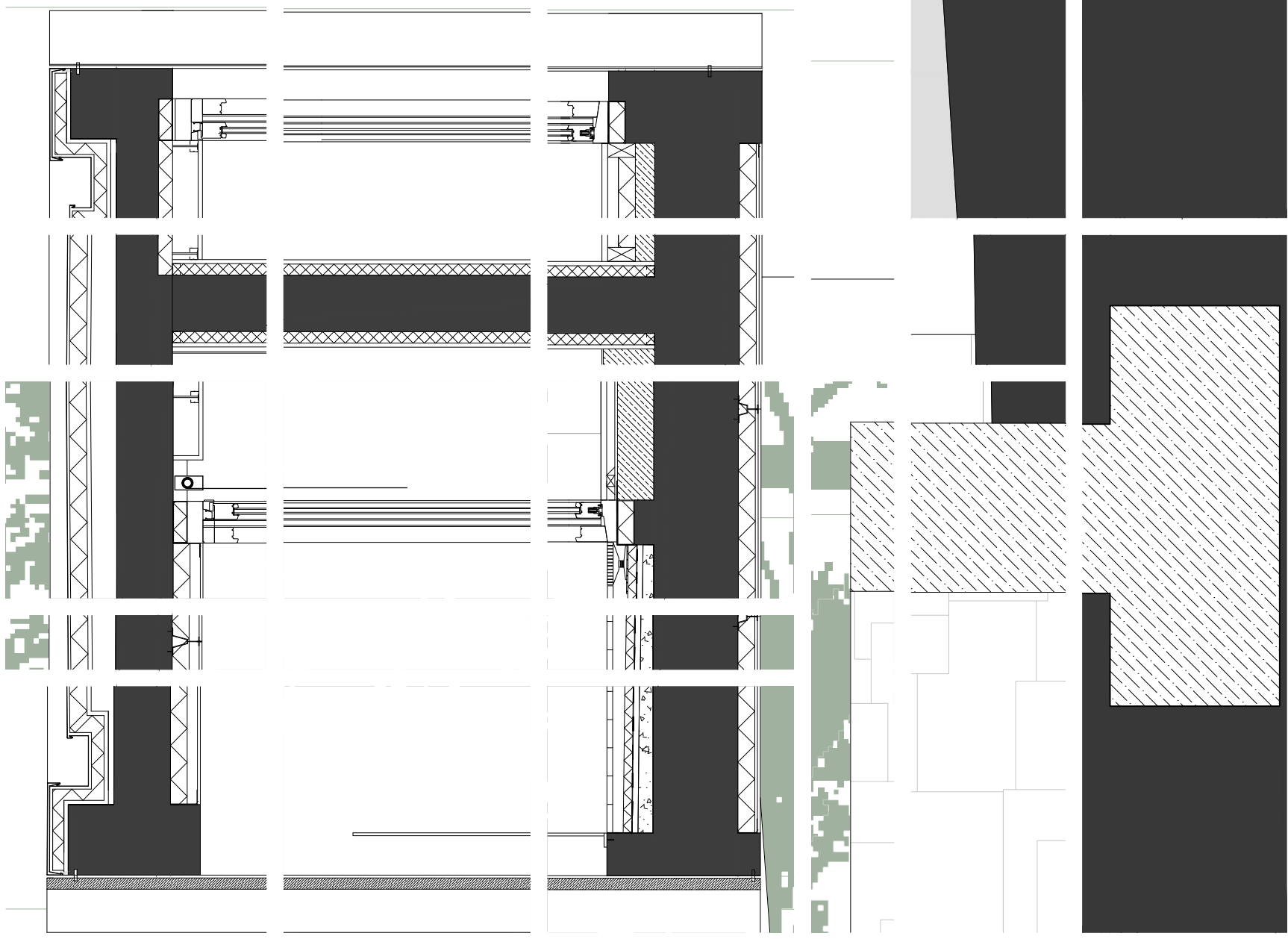
Casa dos Caseiros

Adega

Sala do Moínho

Quanto ao espaço exterior da quinta, tentou-se minimizar a intervenção ao mínimo, uma vez que a zona pos-

Espaço exterior privado



sui alguma diversidade de árvores e campos de cultivo - a alteração dessas zonas já definidas poderia provocar conflitos ao nível da sustentabilidade do terreno.

Para além dos vários jardins e espaços de horta, os currais acontecem agora ao ar livre, longe dos quartos, de maneira a evitar a proliferação de odores e ruídos provenientes dos animais. Apresentam-se numa estrutura mutante, possível de se adaptar à melhor zona do jardim consoante a época do ano e o número de animais.

Jardins e Hortas

Currais

A piscina afastou-se de toda a construção, no sentido de proporcionar o maior relaxamento possível, através da contemplação máxima do verde, da Natureza. A sua dimensão é pequena propositadamente: quase que poderia chamar-se tanque em vez de piscina, como é usual no meio rural.

Piscina

No fim, com o programa já erguido, foi altura de pensar na materialidade de todo o conjunto. O novo volume deveria de alguma forma, estar em conformidade com o restante edificado circundante. E a estratégia nasceu na vontade de frizar o que é novo, mas ao mesmo tempo, usar o 'velho' para ajudar a realçar esse novo e, de certa forma, a integrá-lo. Pela facilidade do isolamento que uma parede grossa (60cm) de pedra oferece, optou-se por deixar a pedra granítica à vista nas construções já existentes. De uma forma talvez antagónica, o novo volume surge revestido a madeira, onde o alçado Oeste é controlado por portadas mecânicas que controlam o sombreamento. O alçado Este e Sudoeste assumem-se como uma continuação da galeria que liga a casa-mãe ao novo volume, num rítmico jogo de lâminas de madeira verticais que ajudam ao sombreamento da fachada recuada em vidro.

Materialidade da intervenção





062\_ Fotomontagem (vista Poente)



“Estas intervenções realizadas em preexistências destroçadas por uma nova e impiedosa realidade sócio cultural que tende a uniformizar o país de Norte a Sul, são hoje uma escassa reserva estética e tecnológica de um tempo antigo, já quase incompressível e que José Gigante trabalha enquanto memória emocionante, transportando-a para uma ambicionada intemporalidade. A função que se perdeu, não exerce agora sobre a memória física, qualquer constrangimento mas também não surge anulada gratuitamente, a ponto de se lhe perder o entendimento do seu ancestral uso. Este desenlace subtil, revela-nos a ética de intervenção perante uma memória ressuscitada para a estima individual e/ou colectiva.”

## Objectivos da intervenção

Foi objectivo da intervenção não esquecer o que já significou aquele edificado para todas as pessoas que por lá passaram e foi por essa razão que se procurou intervir no local de forma consciente dessa mesma realidade, construindo o mínimo possível mas essencial para o bom funcionamento do programa que se quis introduzir. E nesse sentido houve a preocupação de se reutilizarem materiais e lógicas de organização previamente observadas no local. Esta atitude era indispensável para a preservação da condição rural que não se quis destruir ou suavizar.

Assim, a proposta desenhada mantém uma sobriedade formal propositada, onde se sugere primeiro a observação e contemplação do ‘velho’, em detrimento do novo construído. Evita-se portanto sugerir que seja apenas o novo que traz algo de bom, mas antes que é a integração do novo com o velho que faz a transformação do local, em busca de uma contribuição importante na nova imagem daquele lugar. Portanto é certo que os dois são indispensáveis à sobrevivência um do outro: não só por questões de ordem funcional, mas também por razões relacionadas com o contexto em que a obra se insere.





062\_ Fotomontagem (vista Norte/Nascente)



C O N C L U S Õ E S



#### 4. CONCLUSÃO

Para que exista um projecto, precisamos da vontade de transformar uma certa realidade.

Este trabalho debruçou-se maioritariamente sobre essa mesma vontade e isso desencadeou uma série de análises e reflexões sobre aquilo que rodeia o projecto de arquitectura. As conclusões sobre cada um desses assuntos sobre os quais se reflectiu foram tiradas anteriormente, no desfecho de cada capítulo abordado.

No entanto há uma significativa conclusão que é possível observar agora, no final deste trabalho, e que irá ao encontro de todas as outras observadas anteriormente.

Toda a vontade e ideia de executar um projecto de arquitectura deve ser inicialmente estudada e equacionada. Essa vontade/ideia de projecto não deve ser tomada de absurda, ou inconsequente, ou impossível [ou simplesmente tomada como inexecutável] porque o homem previamente assim o diz, [baseado nos seus conhecimentos à priori] sem que seja devidamente analisada. Esse 'devidamente' remete para um estudo coerente dessa vontade geradora de ideias, de forma a que o resultado seja um projecto com uma dimensão adequada à realidade que pretende transformar.

Foi assente neste princípio que se procurou a resposta ao projecto de arquitectura que aqui se resolve e que foi apresentado.

O início deste trabalho remete para as diferenças entre o projecto de âmbito académico em confronto com o projecto de âmbito profissional e, apesar de se ter procurado uma distância entre o projecto



de carácter académico e o de carácter profissional, não se pode negar que este trabalho é ainda um exercício escolar que, no entanto, se diferencia dos trabalhos realizados anteriormente na mesma escola de arquitectura, pelo seu carácter real - um cliente real com um desejo real. Com efeito, foi nesse sentido que se iniciou o trabalho pelo ponto zero, onde se procurou perceber a essência que poderia levar a uma transformação do lugar, originando premissas essenciais para o desenrolar do projecto de arquitectura.

Pretendeu-se, depois, atingir o ponto 100 - a realização desse projecto e nesse sentido foram feitos todos os esforços para que este se aproximasse totalmente daquilo que poderia ser um projecto executado por um profissional arquitecto. E aí compreendeu-se que essa realidade é indissociável da experiência que o arquitecto adquire ao longo da sua carreira, não só pelo contacto com a arquitectura que projecta e que vê projectar, mas também pelo contacto com outros profissionais que podem positivamente contribuir para o melhoramento da obra de arquitectura.

No final deste trabalho procuraram-se conclusões. A tendência seria fugir destas, pois todo o estudo elaborado deixou uma vontade enorme de passar do papel para acção, em detrimento da pausa que se assume agora no trabalho - por outras palavras, chegar ao fim desta ponte entre o passado académico e o início da vida profissional.

Fica a vontade de passar do projecto para a obra. Nesse momento, ter-se-á a certeza do quão essencial é [foi] a formação na escola de arquitectura.





## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS

2G nº20; Arquitectura Portuguesa; Gustavo Gilli 2003.

AZEVEDO, Clara; VASCONCELOS, Lúcia; Termas Portuguesas; Edições INAPA; Lisboa 1995.

BERTENZINI, Ana; Dissertação de Mestrado: Métodos de avaliação do Processo de Projeto de Arquitectura na Construção de edifícios sob a ótica da gestão da qualidade; S.Paulo 2006.

BRAND, J. P.; Direcção e Gestão de Projectos; Lidei; 1998

BROWN, Mark; A gestão de projectos com sucesso; Editorial Presença.

CARDOSO, Rafael; Design para um Mundo Complexo; Cosac Naify 2012.

COMISSÃO EUROPEIA, Conselho da Europa e; Novembro de 2000; Mochila pedagógica T-Kit nº3, Gestão de projectos; disponível em [http://youth-partnership-eu.coe.int/youth-partnership/documents/Publications/T\\_kits/3/Portuguese/T\\_Kit3\\_po.pdf](http://youth-partnership-eu.coe.int/youth-partnership/documents/Publications/T_kits/3/Portuguese/T_Kit3_po.pdf);

CRISTOVÃO, Artur; Mundo rural: Entre as representações (dos urbanos) e os benefícios reais (para os rurais); 2002. In: Turismo Rural: Tendências e sustentabilidade; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002



FAUP, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto -; Guia do estudante - Programas Curriculares do curso de Arquitectura; FAUP; 2006.

FLORIO, Wilson; TAGLIARI Ana; Projeto, criatividade e metáfora; Arqitetura revista - Vol. 5, nº 2:92-110 (julho/dezembro 2009).

IBÉRICA nº20, Arquitectura; Re-habitar; Maio 2007.

JA222 Jornal Arquitectos; Publicação Trimestral da Ordem dos Arquitectos; Portugal, Janeiro – Março 2006.

LA CECLA, Franco; Contra a arquitectura; trad. João Soares. - Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2011.

MOREIRA, Cristiano José de Sousa Moreira; Reflexões sobre o método; 2ª ed. - Porto : Faup Publicações, 1994.

MOREIRA, Lia Marisa Rodrigues; Estruturação do processo de projecto: sua relação com a arquitectura enquanto profissão na segunda metade do século XX; Orientador Prof. Gonçalo Furtado. - Porto : Faup, 2009.

PEDRO, Ivone; L. João; VAZ, Inês; ADOLFO, Jorge; Roteiro Arqueológico da Região de Turismo Dão Lafões; 1ª Edição: Viseu, 1994.



PINHAL, Ana Filipa Pinto; Casa Unifamiliar: reflexão sobre o método projectual; Prof. responsável José Manuel Soares. - Porto : Faup, 2000.

PRAGER, Frank D., SCAGLIA, Gustina; Brunelleschi: studies of his technology and inventions; New York: Dover, 2004

QUARONI, Ludovico; Proyectar un edificio : ocho lecciones de arquitectura; trad. Angel Sánchez Gijón. - Madrid: Xarait, 1980.

RODRIGUES, Ana Luísa; A habitabilidade do espaço doméstico: o cliente, o arquitecto, o habitante e a casa; Dissertação de Doutoramento; Universidade do Minho, Braga, 2008.

ROGERS, Ernesto Nathan; Esperienza dell'architettura, Milano: Skira, 1997

ROLDÃO, Victor Sequeira Roldão; Gestão de projectos; Monitor (edição em Português);

SERÔDIO, João Pedro; A materialidade é fundamental para fixar geometrias - entrevista Serôdio Furtado & Associados in Arq/a nº55; Lisboa, Fevereiro 2005.

SOARES, Isabel; MOREIRA, José; PINHO, Carlos; COUTO, João; Decisões de investimento: análise financeira de projectos; Edições Sílabo; Lisboa 2007.





TAÍNHA, Manuel; Arquitectura em questão: reflexões de um práctico; Lisboa: A.E.F.A.U.T.L., 1994.

VARGAS, Ricardo Viana; Gerenciamento de Projetos: Estabelecendo diferenciais competitivos; Rio de Janeiro: Brasport, 2003.

ZEVI, Bruno; Saber ver a arquitectura; Edição Matins Fontes; S.Paulo 1996.

ZUMTHOR, Peter; Pensar a arquitectura; trad. Astrid Grabow; Gustavo Gili, Barcelona, 2005.



Obrigada.



A N E X O S







